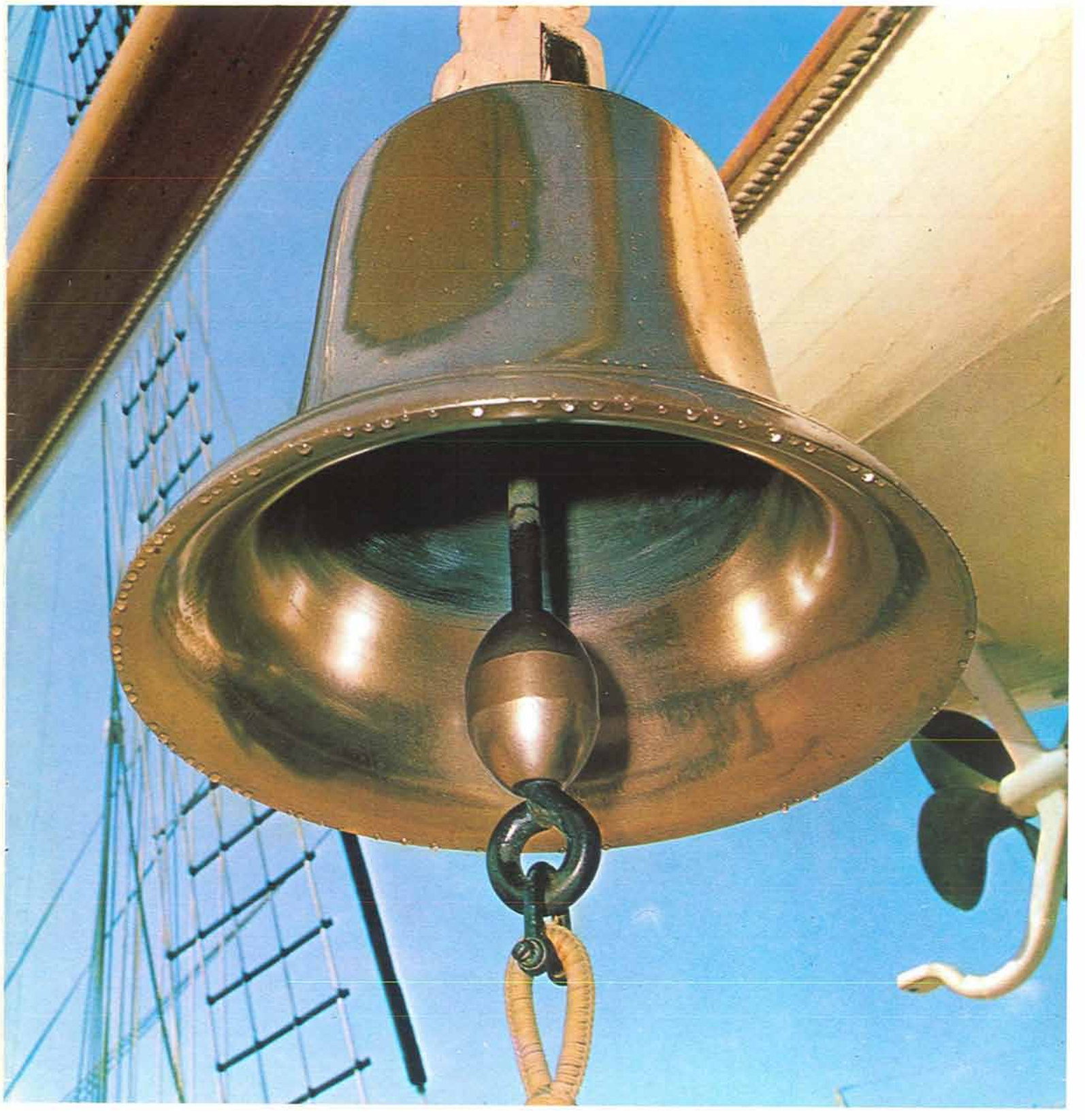
N.º 27 / DEZEMBRO 1973 / ANO III

revista da ARMADA

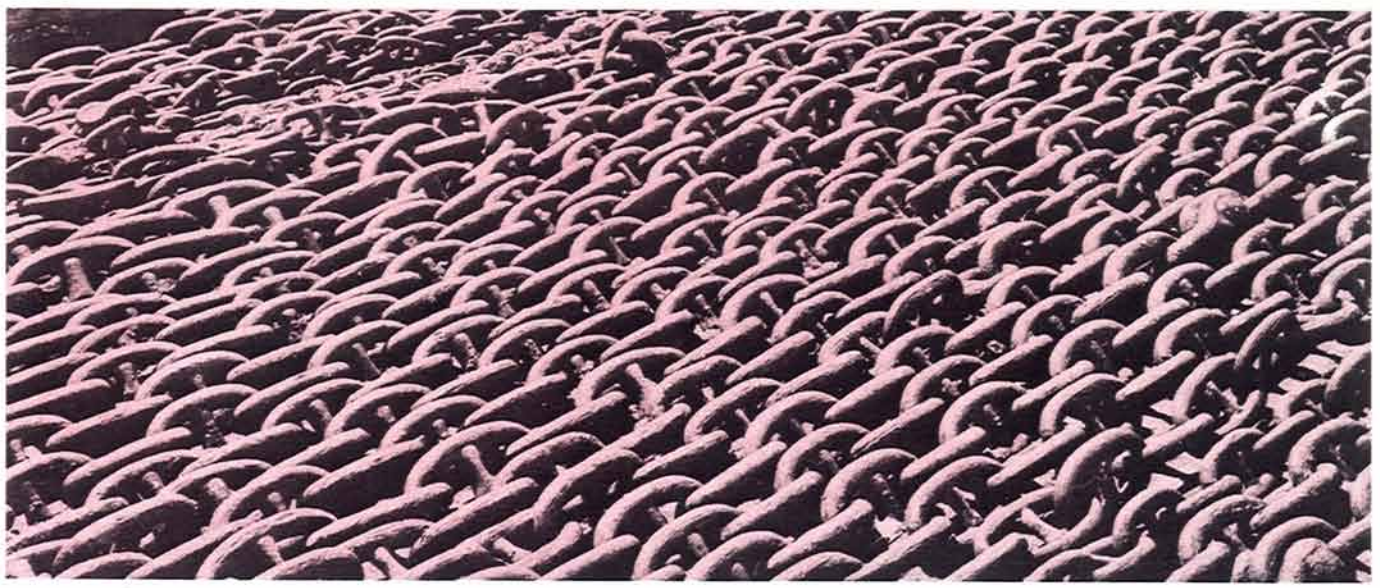


sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
O. Lemos	**Evocação**	5
J. Mendes	**Bocage e o Mar**	6
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	7
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Pablo Casals – *O desaparecimento de um grande músico*	8
M. Horta	**Notícias Pessoais**	9
Redacção	**Voz da Abita**	10
A. Coentro	**Canção do Mar**	13
G. Brandão	**Filatelia**	14
S. Elpídio	**Curiosidades**	15
A. Fonseca	**Desportos**	16
A. Parreirão	**Recordando o Naufrágio do «Fernando Ybarra»**	19
S. Elpídio	**Reportagem**	21
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Amarras para beneficiar

(Foto de Liberto de Carvalho, mar. FZ)



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 27 / DEZEMBRO DE 1973 / ANO III

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Ilhas (via aérea) 59$00
Ultramar (via aérea) 113$00

Na capa

O SINO DE UM NAVIO DE GUERRA
O seu destino é bater os quartos. E com que tristeza na noite de Natal... (Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

NATAL

Não há duas sem três. Esta é a terceira «Nota de Abertura» sobre o Natal. Ainda bem. Isto quer dizer que a nossa Revista vai vivendo, e fazendo carreira, sempre fiel aos objectivos que traçou – cimentar os laços de amizade e camaradagem entre todos os que servem a gloriosa Armada.

Onde quer que estejamos, na Metrópole ou fora dela, no mar ou em terra, somos uma grande família e como tal devemos compartilhar a alegria desta quadra de amor e de paz.

A Revista, que é a voz da Armada, convida todos – almirantes, oficiais, sargentos e praças – a viver em uníssono estes dias, e a acompanhar-nos nos votos que do coração formulamos:

Que reine a harmonia e a justiça na Corporação. Que cada um cumpra com o seu dever para que todos juntos continuemos a honrar a Pátria. Que possamos viver dignamente, dedicando à nobre profissão que escolhemos toda a nossa inteligência e todo o nosso esforço.

Com.

EFEMÉRIDES NAVAIS
Relativas ao mês de Dezembro

Em 1 de Dezembro de 1914, larga do Tejo, com destino a Angola, um comboio formado pelos paquetes «Ambaca» e «Peninsular», sob a escolta do cruzador «Vasco da Gama», transportando tropas destinadas a guarnecer aquela província por motivo da I Grande Guerra Mundial.

Em 25 de Dezembro de 1916, morre em Lisboa o vice-almirante César Augusto de Campos Rodrigues, que foi um ilustre marinheiro, notável cientista e eminente astrónomo. Esteve na lancha «Amazona», fundeada em Cantão para proteger os interesses portugueses, aquando da época da guerra do ópio, tendo assistido ao bombardeamento daquela cidade, em 1859, pela esquadra inglesa. Pelos seus relevantes trabalhos sobre astronomia, quando director do Observatório de Lisboa, a Academia de Paris conferiu-lhe, em 1904, o Prémio Valz.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Perguntas... Com Cocha

1 – A bochecha é a parte saliente da face?
2 – Bóia-calção serve para vestir?
3 – A bóia cega, não vê?
4 – Bóia de apito assobia?
5 – Bóia de espera aguarda alguma coisa?
6 – A bóia de quarentena tem que permanecer isolada?
7 – Bóia muda, não fala?
8 – Navio ou embarcação boiante é bravo?
9 – Que leva você no bolso?
10 – As bonecas são brinquedos?

Respostas... Descochadas

1 – É a parte cheia do costado do navio, junto à roda de proa, a um e outro bordo.
2 – A bóia-calção é uma bóia circular de salvação para recolher pessoas de navio encalhado na costa, tendo a ela ligado inferiormente um pequeno saco de lona.
3 – É uma bóia desprovida de aparelho iluminante, o contrário de bóia luminosa.
4 – A bóia de apito é uma bóia sonora equipada com um aparelho através do qual o ar é chupado e comprimido pelo movimento das vagas e obrigado a escapar-se por um apito o qual produz deste modo um som irregular que avisa da sua presença.
5 – É a bóia que indica a vizinhança dum porto, rio ou estuário cujo nome por vezes nela se encontra pintado; tem também os nomes de bóia de aterragem e bóia do mar.
6 – A bóia de quarentena indica o lugar onde os navios devem ancorar para o exercício do serviço de quarentena; é normalmente de cor amarela.
7 – Bóia muda é a que não se encontra provida de nenhum aparelho de som, ao contrário da bóia sonora.
8 – Diz-se boiante de um navio ou embarcação leve, não carregada até à linha de água normal; é também sinónimo de flutuante e pode ainda indicar uma característica de construção, pela qual a embarcação se apresenta ligeira e altaneira, embora carregada.
9 – O bolso é uma pequena superfície de pano sujeita à acção do vento depois de carregada a vela, mas não ferrada; pode significar também o balão ou seio que forma a vela quando cheia e esticada pelo vento.
10 – As bonecas são peças de madeira colocadas verticalmente no convés, com gornes para dar passagem aos cabos de laborar.

S. Elpídio
Cap. frag. AN

EVOCAÇÃO

Ao rever o «ozalide» do n.º 25 da nossa Revista, no sossego do gabinete da redacção, os meus olhos pararam a meio da secção das «Notícias Pessoais». Logo abaixo do título FALECIMENTOS, um número e um nome – 2404/C. M Jorge António Pereira.

Suspendi a corrida dos olhos na procura de erros casuais e o meu pensamento fugiu até evocar um navio que já não existe e uma comissão sempre lembrada onde conheci o cabo Jorge. Quatro anos atrás, no vaivém dos cruzeiros na costa de Moçambique, o cabo Jorge, na força da vida, era uma figura típica a bordo. Cumpria sem alardes e eu compreendia-o nas suas limitações e nas suas qualidades que, quem tivesse olhos de ver, facilmente descortinaria e aproveitaria. Tinha o condão de fazer amigos e era um elemento de interesse no desanuviamento das tensões inevitáveis da vida de bordo quando a navegação é intensiva. Era homem sem reservas e quando lhe era concedida a oportunidade de emitir a sua opinião sobre problemas de bordo, o que acontecia com frequência, era de uma simplicidade e coragem admiráveis. Aprendemos alguma coisa um com o outro – eu a entender que há sempre facetas aproveitáveis em todos os homens cujo comportamento se pode estimular no bom sentido quando sabemos explorá-las e ele a compreender um pouco melhor que a violência, a ira e a exasperação, ainda que provocadas, não resolvem problemas de relações humanas.

Longe de ser exemplar, o cabo Jorge era no entanto profundamente humano apesar da sua aparência rude e pouco polida. Voluntário para a unidade de desembarque, encontrava neste tipo de serviço o meio ideal para dar largas ao seu entusiasmo. Ao leme do seu bote de borracha, o cabo Jorge era dono do mundo... Quem não gostava lá muito das suas «habilidades» era o comandante da unidade de desembarque para quem o êxito das missões necessariamente dependia da disciplina na condução dos «zebros». Mas nunca o cabo Jorge o deixou ficar mal... Quando os olhos dos que ficavam a bordo procuravam distinguir os botes que se aproximavam do navio após uma operação de desembarque, e logo que se conseguia lobrigar uma pala de boné camuflado voltada para a nuca e uma certa curvatura felina de um dorso como que a pretender cavalgar o mar, alguém exclamava: aí vem o cabo Jorge! Encharcado da cabeça aos pés, apesar de já não ser jovem, encaminhava-se desportivamente para a coberta e para o banho. Nunca lhe ouvi um desabafo de mau humor por muito duras que fossem estas operações – e algumas eram-no sem dúvida! No dia seguinte, quando se tratava de recondicionar e reparar os botes, tinha ocasião de conversar com ele mais devagar e de maneira informal. Às vezes, entrava no domínio das confidências e (coisa que me fazia pensar) não lhe ouvia recriminações contra a vida e suas dificuldades – pão nosso de cada dia de quem vive do pouco que ganha... E a conclusão a que chegava é que ele era dos humildes, dos que se contentam com pouco. Nas festas, era reinadio e bem disposto. Tenho-o ainda presente quando, numa delas, já um tanto «sensibilizado» pelas libações mais abundantes que de costume, sacou de uma viola (que não sabia tocar) e arpejando-a, sempre na mesma posição e tonalidade, cantava para o seu Comandante que, na eventualidade, considerava como pai...

A comissão terminou, separámo-nos e nunca mais o vi. A notícia da sua morte chocou-me profundamente. Não sei onde foi, nem como, nem porquê... Sei apenas que muitos perderam um bom amigo.

O. Lemos
Cap.-frag.

BOCAGE e o Mar

Todos os anos, a 21 de Dezembro, se comemora a morte do poeta nacional, Elmano Sadino, de nome próprio Manuel Maria Barbosa du Bocage, conhecidíssimo entre nós, simplesmente, por Bocage. Tendo-me a data lembrado o poeta, pensei escrever algumas simples palavras sobre o que foi, a meu ver, Bocage como marinheiro.

Nasceu o célebre vate pelas 15 horas do dia 15 de Setembro de 1765, filho da Sr.ª D. Mariana Joaquina Xavier du Bocage e do bacharel José Luís Soares de Barbosa. Nota curiosa – o pequeno Manuel Maria, neto do francês Gillet Hedois du Bocage, com o posto na nossa Real Armada de coronel de mar e guerra, correspondendo hoje ao de vice-almirante, ficava unido ao mar por tão nobre e honrada genealogia.

Passou o poeta os seus primeiros dez anos de idade na sua casa da Rua de S. Domingos em Setúbal, onde, sob os cuidados de sua extremosa mãe, recebeu primorosa instrução para a qual contribuíam também o seu progenitor, e um amigo, o padre espanhol D. João de Medina.

Porém, quis o destino que, por esse tempo, perdesse sua mãe, ficando mais só. Aos 16 anos alista-se «como praça de soldado» no Regimento de Infantaria 7, então na muito nobre Vila de Setúbal.

Decorridos dois anos e não se encontrando satisfeito com a vida que levava, requereu licença para frequentar as aulas na Academia Real da Marinha, pretensão que lhe foi deferida, permitindo assim ao jovem Manuel Maria entrar na sociedade lisboeta.

Na Academia, pôde dar sobejas provas de grande inteligência e arte, adquirindo vastos conhecimentos náuticos, até que se viu na contingência de abandonar os seus estudos; aconteceu que, por esse tempo, surgiu entre os estudantes um soneto de natureza crítica e sarcástica a propósito duns amores ilícitos do director, o qual se atribuiu à engenhosa criação de Bocage que achou preferível, nessa eventualidade, abandonar os estudos a ser expulso.

Andando o poeta nesse tempo preso de amores por uma nobre senhora, partiu, de acordo com esta, em busca de honras e fortuna. Aconteceu, no prosseguimento dessa aventura, ir aportar à Índia na nau «Nossa Senhora da Vida, Santo António e Madalena». Ali, numa batalha naval ao largo de Chaul, tornou-se merecedor do posto de tenente que ocupou até abandonar o serviço.

A poucos metros das portas da muralha norte da fortaleza de Damão via-se uma placa comemorativa da presença de Bocage naquela cidade.

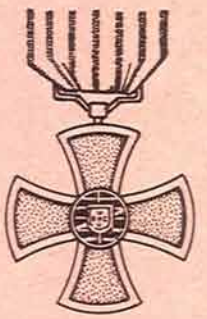
Inconformado com os poderes estabelecidos, não perdia uma oportunidade de criticar em versos temíveis contra a corrupção dos homens, o que lhe valeu uma vida errante e mísera de fugido pela Índia.

Um dia foi parar a Macau, onde, por mérito seu, recebeu do governador, com a reabilitação, roupas e algum dinheiro que lhe permitiram regressar à Metrópole, mais pobre que nunca e sem a sua antiga amada a esperá-lo.

Em muitos dos seus versos maravilhosos encontramos a presença do mar e do marinheiro que foi um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos.

José F. C. Mendes
Mar. E

a Pátria honrai



A PÁTRIA HONRAI

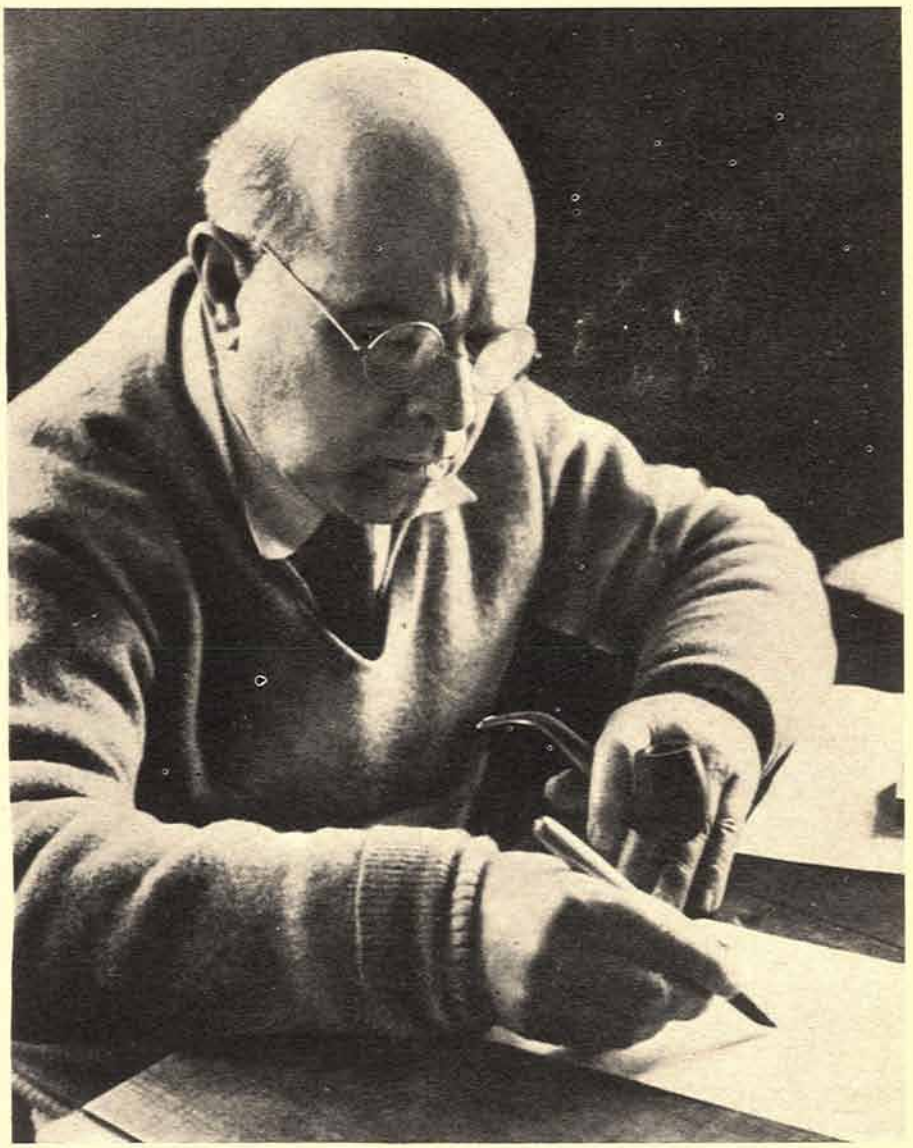
Demonstrando o 1.º sargento fuzileiro especial n.º 6771, CELESTINO AUGUSTO DOS REIS, possuir em elevado grau, em zona de campanha, qualidades que fazem um militar digno de ser apontado como exemplo a seguir, tornou-se simultaneamente merecedor da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe que lhe foi atribuída.

No decurso de uma operação na província de Moçambique, não só durante a sua fase inicial mas também no golpe de mão levado a cabo sobre poderoso reduto inimigo, o 1.º sargento REIS revelou sempre entusiasmo e orientou de forma notável o seu pessoal; mesmo quando este caiu sob intenso fogo adverso, ele soube manter forte serenidade e espírito de agressividade, ainda que ferido, contribuindo com a sua atitude para a fuga do inimigo e para o sucesso da òperação.

N. R. – O 1.º sargento REIS é natural de Matriz, concelho de Montemor-o-Novo, distrito de Évora.

PABLO CASALS

O Desaparecimento de um grande Músico



Pablo Casals tinha feito 97 anos em 29 de Setembro.

A morte venceu-o pouco depois, mas o seu nome perdurará como o do maior violoncelista de todos os tempos. Catalão de nascimento, foi encaminhado nos segredos da música pelo pai, organista de mérito. Aos treze anos mostrou uma inclinação pelo violoncelo que viria a afirmar-se de maneira definitiva. A sua carreira musical, em Barcelona, foi fulgurante. No entanto, conheceu alguns períodos difíceis, nomeadamente em Paris, nos primeiros tempos e durante as perturbações políticas que culminaram com a guerra civil. Numa fase particularmente negra da sua atribulada existência, viu-se obrigado a tocar, juntamente com outros músicos, em casas de espectáculos e diversões. Tocou durante algum tempo num café na praia de Espinho, quando permaneceu em Portugal. Foi casado com a nossa compatriota Guilhermina Sugia, violoncelista de nomeada, que a ele deveu o período áureo da sua carreira de artista pelos ensinamentos que dele colheu. Pedagogo insigne, formou uma autêntica geração de violoncelistas. A sua maneira de tocar não conhecera paralelo até então. Os violoncelistas eram em pequeno número já que a literatura para este instrumento era reduzida. A primeira vez que a sua arte se afirmou de modo iniludível foi em Paris em 1898 quando interpretou o concerto de Lalo. Tocava com grande nobreza, desprendendo-se da sua execução uma interioridade e um recolhimento que emprestavam novos valores à música. As suas interpretações de Bach eram magistrais. Descobriu as «Suites» de Bach, pela primeira vez, aos treze anos. Estudou-as durante doze anos até lhes penetrar toda a essência como se se tratasse de coisa sagrada.

Só então se decidiu a tocá-las em público; e quando o fez, em Londres, em 1909, surpreendeu e maravilhou os que o ouviram. Formou com Jacques Thibaut e Alfred Cortot um trio que se imortalizou pela série fulgurante das suas transcendentes gravações. Aqueles que têm hoje a felicidade de possuir gravações suas, podem dar-se conta de que a sua maneira de tocar é inimitável. Não cedendo a exibicionismos fáceis e nunca forçando o instrumento para além daquela intensidade sonora que deixa de garantir a qualidade do timbre, consegue no entanto fazer irradiar das obras que interpreta toda a poesia e sentimento, todo o fulgor ou todo o misticismo que delas dimanam. Depois dele, não tem havido violoncelista que se preze que não conte no seu reportório as obras de Bach. Ouvi-lo nas «Suites» é descobrir um mundo. Nunca ultrapassa o «mezzo-forte» e a sua extraordinária técnica de arco empresta a cada andamento o timbre mais adequado ao estado de alma que o caracteriza. Mesmo quando estes são meras danças, características da época barroca, têm em Casals um tratamento que não condescende com profanações; para ele essa música era sempre sagrada. São dele estas palavras: «O milagre Bach não se produziu em nenhuma outra arte. Despojar a natureza humana até lhe dar perfis divinos, pôr um fervor espiritual nos actos mais comezinhos do homem, dar asas de eternidade à mais efémera natureza; tornar humanas as coisas divinas e divinas as coisas humanas; tal é Bach, o mais alto momento e o mais puro da música de todos os tempos».

Exilando-se em 1939, por motivos políticos, passou a viver em França, junto dos Pirinéus, na pequena cidade de Prades. Aí organizou durante muitos anos festivais de música de câmara que ficaram célebres. Ali reuniu músicos de fama, comprazendo-se com eles em criações magistrais de que ficaram algumas preciosas gravações. Prades tornou-se um oráculo da música e por ali passaram nomes como os de Menuhin, Eifetz, Enesco, Stern, Landowska, Bachaus, Fischer, etc., etc. Muitos deles, já haviam desaparecido do convívio dos homens antes que a morte o vencesse a ele, que parecia eterno. Os dedos mágicos que durante tantos anos arrancaram do violoncelo vibrações sublimes, pararam de vez. Ficaram no entanto, nos sulcos dos discos ou nos arquivos da fita magnética criações que irão continuar a projectar no tempo e nas almas a lembrança de quem as fez nascer e que por isso mesmo tem jus à imortalidade.

O. Lemos

Cap.-frag.

notícias pessoais

CASAMENTOS

Cadete FZ RN Leopoldo Maria Lemos da Cunha Matos com D. Conceição Maria de Almeida Duarte Silva, em 17-9-73.

1.º sarg. R – Francisco Poreza Greves com D. Deolinda Marques, em 20-9-73.

1.º sarg. H – Aluísio Lopes Ribeiro com D. Maria Filomena Pereira, em 8-9-73.

1.º sarg. ACM – Adelino Cardoso Martins com D. Lurdes Rosário Campos, em 22-9-73.

2.º sarg. A – Adolfo Machado com D. Maria Lucinda Apolinário Mosquita, em 1-9-73.

2.º sarg. ARE – Jesufredo Ganchinho Teles com D. Maria Virgínia Mendes Pereira, em 19-8-73.

2.º sarg. H – António da Conceição Graça com D. Maria Manuela Pereira Dias de Sá, em 4-8-73.

2.º sarg. ACM – Albertino Manuel Estrelo Amado com D. Laura Cerqueira Priorinho, em 7-10-73.

2.º sarg. B – Luís Manuel Minidos Anjos com D. Maria Helena Pires Inglês, em 15-9-73.

12/71/C. H – António José Vieira Marques com D. Maria José Grossinho Jacob Vieira, em 21-7-73.

1649/71/C. O – Luís Filipe Duarte Nogueira com D. Eva Maria Nobre Martins, em 1-9-73.

1192/66/Mar. CM – Mário Carlos da Cunha Monteiro com D. Maria Fernanda Pimentel Silva da Cunha, em 21-9-73.

1610/69/Mar. T – Carlos Alberto Ângelo dos Santos com D. Maria da Graça Azenha Nobre, em 19-8-73.

1505/70/1.º gr. FZ – Alberto José Rosa Narciso com D. Laura dos Anjos Pereira, em 26-8-73.

701/73/2.º gr. R – Joaquim José de Jesus Dias Costa com D. Marília Peixinho dos Reis, em 5-8-73.

PASSAGENS À RESERVA

Com. MN António Paiva e Costa, em 13-10-73.

1.º sarg. H – Domingos da Silva Francisco, em 3-10-73 (Res. Ab).

1.º sarg. FZ – António Simão Lopes Miguen, em 3-10-73 (Res. Ab).
1.º sarg. ARE – Albano Carvalho Ângelo, em 9-10-73 (Res. Ab).
1.º sarg. H – Vítor Manuel Ferreira Gonçalves, em 15-10-73 (Res. Ab).
723/C. C – César da Silva Mouta, em 14-10-73.
6610/C. CM – José Bernardo Ramos, em 4-10-73 (Res. Ab).
1505/66/C. L – Rui Rodrigues Ribeiro, em 1-10-73 (Res. Ab).
1528/66/C. E – José Antunes Carrondo, em 3-10-73 (Res. Ab).

APOSENTAÇÕES

Em 31-10-73:
Luís António Marques, mestre de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.
Joaquim Boiça, faroleiro-chefe do Q. P. C. M. M.
Germano Rodrigues da Silveira, ex-2.º faroleiro do Q. P. C. M. M.
Baltazar dos Santos Ribeiro, copeiro do Q. P. C. M. M.
Maria Margarida da Assunção, servente do Q. P. C. M. M.

FALECIMENTOS

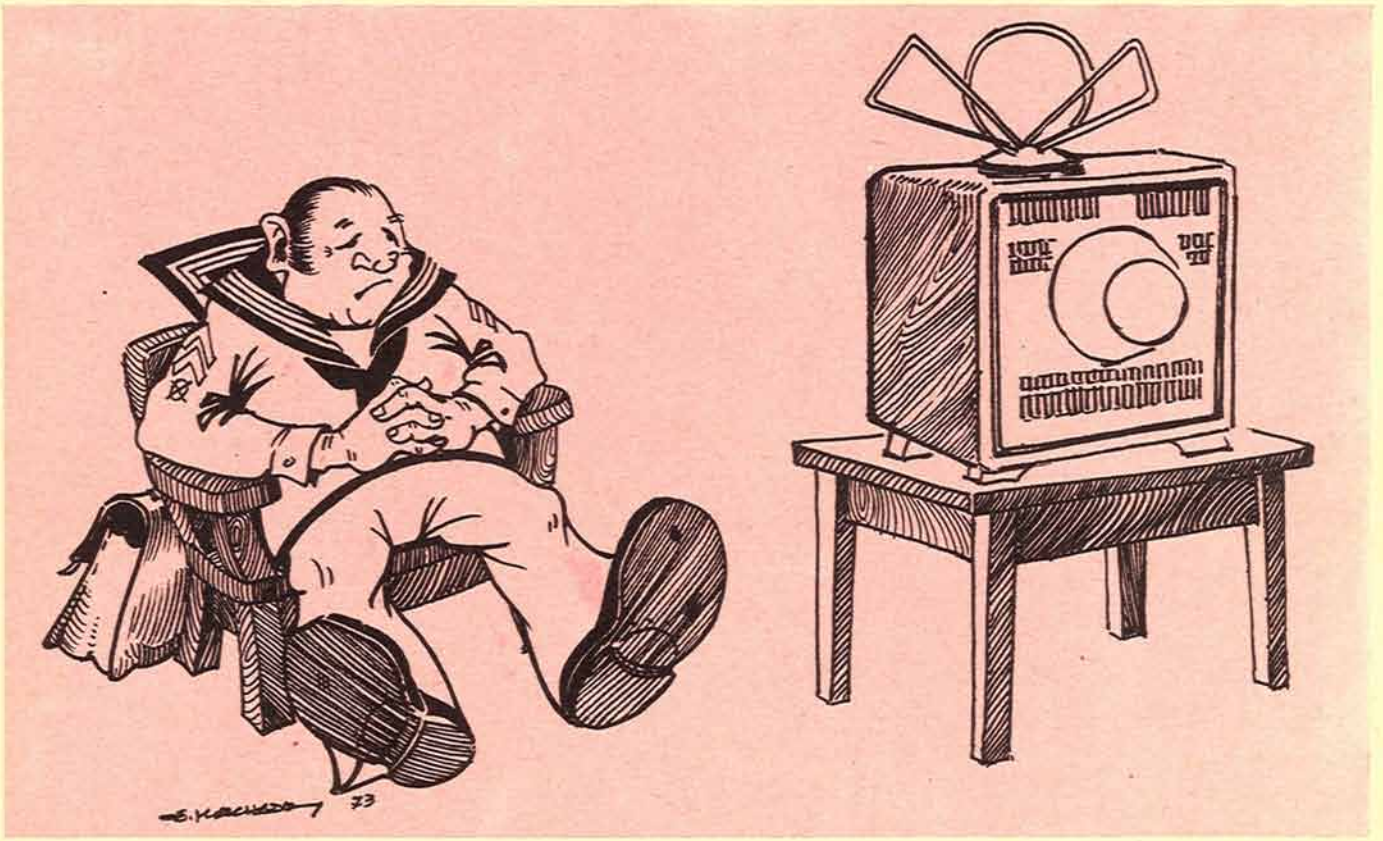
C/alm. RF José Filipe Castela, em 21-10-73.
Cap.-ten. SG RF Victor Silva, em 1-11-73.
N. R.: Trata-se do oficial cuja carreira foi apresentada como exemplo no primeiro número da nossa Revista. Ao que então dissemos, apenas acrescentaremos que desaparece um oficial que dignificou a sua classe e a Armada.
Sarg. aj. A RA – Augusto dos Santos Coelho, em 12-10-73.
10405/Mar. FZE – Diamantino da Cruz Valente, em 10-10-73.
793/67/Mar. FZE – Francisco Manuel Moura Afonso, em 16-10-73.
560/70/1.º gr. FZ – Joaquim Cardoso Figueiredo, em 26-9-73.
1267/2.º gr. M RA – Frederico Rodrigues da Silva, em 11-10-73.
225/72/2.º gr. FZ – Júlio Joaquim Loureiro, em 18-9-73.
João de Paula da Rocha, 3.º oficial do Q. P. C. M. M.

Casamento de Joaquim Marques Pinto da Rocha, mar. M n.º 1576/70, com D. Margarida Fernandes Barbosa, que noticiámos no número anterior.
A «Revista da Armada» deseja ao simpático casal as maiores venturas.

voz da abita

Do «Pezinhos», cabo M, recebemos mais uma carta com as rabugices do costume. Ei-la:

«Lisboa, Outubro de 1973.
«Só eu sei o que sofri naqueles dois anos de comissão na Guiné. Mas, também é verdade que nunca tinha pensado em vir a ser comandante de um navio de guerra, e desta vez fui. Quem mandava a bordo da LDM-X era este vosso amigo «Pezinhos», cabo M. Só por isso valeu a pena o sacrifício...
«Éramos ao todo seis: eu, patrão da lancha, um marinheiro A, a quem chamava «imediato», um marinheiro CM, que era o «engenheiro», um marinheiro telegrafista, outro marinheiro CM e um grumete artilheiro, que era o «doutor», visto ser ele quem punha o mercurocromo quando era preciso e distribuia os comprimidos de «Daraprin» contra o paludismo...
«Sentia-me orgulhoso do meu cargo e estava convencido que tinha a melhor lancha e a melhor guarnição de toda a Armada. Para o atestar lá estavam pintados na ponte, a vermelho, os símbolos dos ataques do IN sofridos e os desembarques de fuzileiros efectuados...
«Certo dia (tudo acaba neste mundo) a minha comissão chegara ao fim e embarquei num potente «707», de regresso à Metrópole.



Já no ar, olhei para aquela teia de rios e canais onde tinha passado 2 anos inesquecíveis e senti-me emocionado. Alegria? Saudade? Talvez uma coisa e outra... Sempre foram dois anos! Que trabalhos... Que canseiras, que preocupações e que perigos!
«Enfim, já estou em Lisboa e o que lá vai, lá vai.

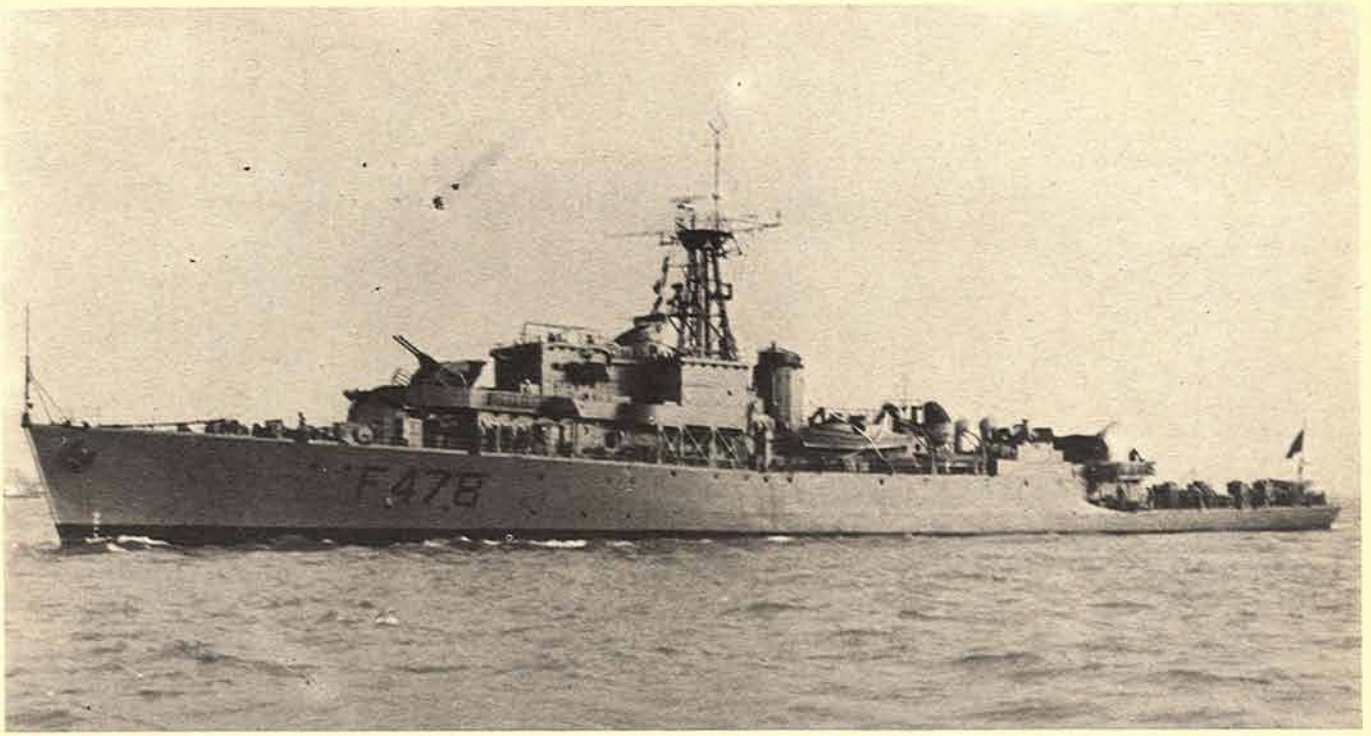
«Como sempre, o dia da minha chegada foi de festa lá em casa. Houve abraços e beijos, houve «rancho melhorado» e, desta vez, uma grande novidade: um aparelho de televisão ganho com o suor do meu rosto nos rios e tarrafos da Guiné. Não é que ganhasse lá muito mas, como não havia onde gastar, sempre poupei «algum».
«Agora já não é preciso ir ao café para ver jogar o Benfica ou ouvir a Amália. Podemos fazê-lo comodamente refastelados em casa.

«Pois (deixem-me usar este termo tão TV) a princípio correu tudo muito bem. Gostávamos de tudo, até dos anúncios! Com o andar dos tempos, porém, começaram os protestos: «é só reclames»... «é só discursos»... «é só mesas redondas»... «é só congressos»... «Chega a hora de uma pessoa ir dormir e é então que começa a coisa a sério. Só há duas alternativas: ir dormir e não ver o programa ou ver o programa e não dormir.
«Eu que tenho de me levantar cedo para ir para o Alfeite, a minha filha que trabalha num supermercado, o filho que anda a fingir que estuda numa Escola Técnica e a mulher que tem que fazer o café para todos, optamos pela 1.ª; a minha sogra, que vive connosco desde que enviuvou, prefere uma 3.ª solução, que é ficar a dormir na cadeira... enquanto decorre o programa.
«Quando há «coisa que se veja» vamos para a 2.ª solução e ficamos todos até ao fim. Na manhã seguinte é um sarilho, está tudo cheio de sono e ninguém se entende. Grita a mãe com os filhos para sairem da cama, grita comigo para me despachar da casa de banho, grito eu com ela para me dar o café e grita a sogra com todos só para mostrar que também lá está...

«Ora a mim, «Pezinhos», cabo M, ex-patrão da LDM-X, salvo o devido respeito, parece-me muito simples resolver as coisas a contento de todos: davam as notícias depois do jantar, digamos às 20.30, a seguir o programa de fundo (filmes, teatro, variedades, etc.) e no fim, para quem quisesse, os reclames, os congressos, etc....
«Assim, era um gosto pagar a licença. Como está... «chapéu»!

De uma carta do ex-camarada José dos Santos, hoje a residir na cidade da Beira, Moçambique, transcrevemos, conforme seu desejo:

«Beira, 27-9-73.
«(...) Desculpem o incómodo, peço-vos o favor de comunicarem na «nossa» Revista o seguinte:
«José dos Santos envia um abraço a toda a malta amiga da Marinha, em especial a todos os da primeira comissão da corveta «João Coutinho» em Moçambique.
«O meu muito obrigado.»



O Natal de 1962 na «Vasco da Gama» foi realmente um Natal diferente...

UM NATAL DIFERENTE

Dos muitos Natais por nós vividos, um se gravou indelevelmente na nossa memória. Foi na verdade, um Natal diferente, quiçá o mais extraordinário de entre todos.

Foi, em 1962, no Norte de Angola a bordo da fragata «Vasco da Gama», então comandada pelo hoje contra-almirante Jaime Lopes. Depois de mais um fatigante cruzeiro no Norte, a 21 de Dezembro entrámos na bela baía de Luanda para o costumado período de repouso da guarnição.

A cidade vivia a alegre azáfama natalícia bem notória, nos rostos, nas ruas, nas montras, e nos ares ecoavam as tradicionais músicas da época.

No dia seguinte, inesperadamente, começaram os preparativos para novo cruzeiro e no dia 23, ao cair da tarde, tocou à faina e largámos. Pouco tempo antes, tinha dado entrada a bordo o comandante naval, contra-almirante Mexia Salema, que seguia connosco, fazendo-se anteceder de certo número de embrulhos e pacotinhos feitos com os coloridos papéis e fitas usuais da época que se atravessava.

Rumámos a Norte e logo de manhã no dia da consoada iniciámos a subida do Zaire para que o comandante naval fosse pessoalmente visitar e entregar os tais embrulhos e pacotinhos aos fuzileiros que guarneciam os postos isolados ao longo do grande rio. À noite – a Noite Santa – fundeámos algures com ocultação de luzes e vigilância reforçada. Não houve a tradicional ceia da consoada, mas somente recordações de outras noites santas, a satisfação de cumprirmos um dever sagrado e a honra de entre nós se encontrar o nosso almirante.

O dia do Natal amanheceu quente e a vida a bordo decorria normalmente até que pelas dez horas recebemos as lembranças enviadas da Metrópole pelo Movimento Nacional Feminino e a notícia de que iríamos ter uma ceia de Natal, mas que, dado o local onde nos encontrávamos e as circunstâncias, se tornava forçoso que essa ceia se realizasse ao meio-dia com o uniforme de serviço e tendo como bebida apenas os dois decilitros da tabela. A «Ceia» foi magnífica, com boa disposição e os habituais discursos. Depois de terem falado um grumete e o comandante do navio, levantou-se o almirante comandante naval para, num brilhante e patriótico improviso, agradecer a oportunidade de poder mostrar-nos o seu orgulho por se encontrar entre a sua família – os marinheiros – com quem convivia há quarenta e quatro anos, tempo bastante para assim considerar todos os que vestem a nossa farda.

Emocionantes para todos, aqueles momentos, até por que sabíamos que em Luanda, uma Mãe velhinha e uma Esposa amantíssima, no mesmo instante, recordavam saudosas aquele Familiar de todos nós, que a bordo da «Vasco da Gama» nos tinha dado a mais extraordinária lição de fraternidade. «Paz na terra aos homens de boa vontade» dizem os cânticos. Foi realmente um dia de Natal inesquecível, um Natal diferente.

G. Brandão
2.º ten. SG

PRÓXIMA CONFRATERNIZAÇÃO DO RECRUTAMENTO DE 1947

Pede-nos a respectiva Comissão Organizadora para lembrar a todos os interessados que a próxima reunião de confraternização terá lugar no dia 13 de Janeiro p. f. Está programada, na parte da manhã, uma romagem ao túmulo de Pedro Álvares Cabral, na igreja de Santa Clara, em Santarém. O habitual almoço realizar-se-á no restaurante Carolino, em Almeirim. As inscrições podem ser feitas para António Henriques, Bairro dos S. S. F. Armadas, Bloco C, n.º 4-2.º Dt.º, Laranjeiro.

No vértice da vida estou vendo,
com tristeza o declínio que
[desponta
na minha existência pobre e tonta
que só por força maior nela me
[prendo

À força do destino fui cedendo,
dando sempre de mim a melhor
[conta;
mas vede no meu rosto a quanto
[monta,
o juro que a pouco e pouco vou
[colhendo!

Olhando para a vida já passada,
reprimo longo soluço magoado,
à existência duma vida atribulada

e vejo que o prémio do esforço
[dedicado,
ao longo duma honesta caminhada,
Só tarde virá a ser considerado.

Manuel J. L. dos Santos
Cabo A

Canção do Mar

As ondas remansadas, paralelas
Romeiras de longérrimas viagens
Transportam litanias e mensagens
Colhidas no gemer de muitas velas

O Sol vai acendendo chamarelas
Que nas rendas da espuma são miragens
Vogando no capricho das aragens
Em danças irisadas e singelas

As algas, enleadas, vão seguindo
Um rasto d'ilusão, um sonho lindo
Buscando a franja quente das areias

Ressoa a voz do mar, a sugerir
Baladas de chegar e de partir
No canto imperecível das sereias

A. Santos Coentro
2.º-ten. SE

filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

Para assinalar o 2.º centenário do Ensino Primário Oficial no nosso país, foi posto a circular na Metrópole no dia 24 de Outubro uma curiosa e interessante série de quatro valores, onde o tema dominante é logicamente a criança. Com motivos variados e impressos com cores atraentes, o conjunto foi acolhido com satisfação.

DIA DO SELO

Mantendo a tradição, o dia 1.º de Dezembro foi considerado o Dia do Selo, e como tal festejado nos meios filatélicos por mostras e exposições organizadas por diversos núcleos e associações espalhadas pelas nossas terras.
Autêntico dia de promoção e divulgação filatélica, apenas com o senão de no aspecto de valorização de colecções nada nos trazer, pois apenas foram beneficiados os marcofilistas, já que a data, mais uma vez este ano, apenas foi assinalada com carimbos, nem todos muito felizes, diga-se.

SELOS DO NATAL

Começaram já a surgir os selos alusivos a esta quadra, como sempre recebidos com satisfação pois salvo raríssimas excepções, têm sempre magnífico aspecto e motivos que se enquadram perfeitamente no apreciado tema.

Há já alguns anos que os coleccionadores, nomeadamente os mais interessados no assunto, aguardam que os nossos C.T.T. ponham a circular selos que foquem esta quadra tão fortemente enraizada nos usos e costumes das nossas gentes, mas, tudo nos leva a crer que não será ainda este ano que tal facto se verificará.

G. Brandão
2.º ten. SG

CURIOSIDADES

Os incineradores que se constroem hoje para serem postos em serviço a bordo dos navios de comércio são extremamente eficazes, ao mesmo tempo que é fácil o seu emprego. Eles podem fazer desaparecer sem deixar vestígios, tanto garrafas de vidro, como caixas de conservas e resíduos petrolíferos. Aplicados sobre 50 kg. de desperdícios de natureza diversa, resulta uma porção de cinzas que se pode lançar ao mar sem prejuízo de poluição.

Uma bóia gigantesca com 24 metros de altura e diâmetro de 10 metros foi instalada na Ilha de Helgoland, no mar do Norte. Calando 10 metros, a bóia regista apenas ligeiros movimentos mesmo com forte ondulação de forma que nela poderão ser instalados pela primeira vez no mar instrumentos de medição de grande precisão. Durante 6 meses o posto de medição deverá funcionar sem necessidade de qualquer tipo de controlo, emitindo para a terra os dados relativos à altura das ondas, velocidade do vento, e até o grau de poluição das águas. Caso a experiência resulte pretende-se instalar, ao longo da costa do mar do Norte, sete estações do mesmo tipo, de modo a criar um sistema de protecção costeira a que poderão associar-se outros países. A bóia foi fabricada por uma firma especializada de Kiel e orçou à volta de 2,5 milhões de marcos.

Foi pela primeira vez instalado um casino a bordo pela Norwich Enterprises, companhia proprietária do London's Vitoria Sporting Club.
A experiência foi realizada no princípio deste ano no navio «Canberra» onde foram instaladas mesas de roleta, máquinas de jogo, etc.
O casino flutuante tem provocado tal sucesso que a P & O vai estender a exploração do jogo a outros navios. Companhias que exploram navios de passageiros estão já interessadas na ideia.

(In «Boletim Analítico da J. N. M. M. Agosto e Set. 73)

CAMPEONATOS DE NATAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

O sub-ten. Vítor da Fonseca em grande evidência

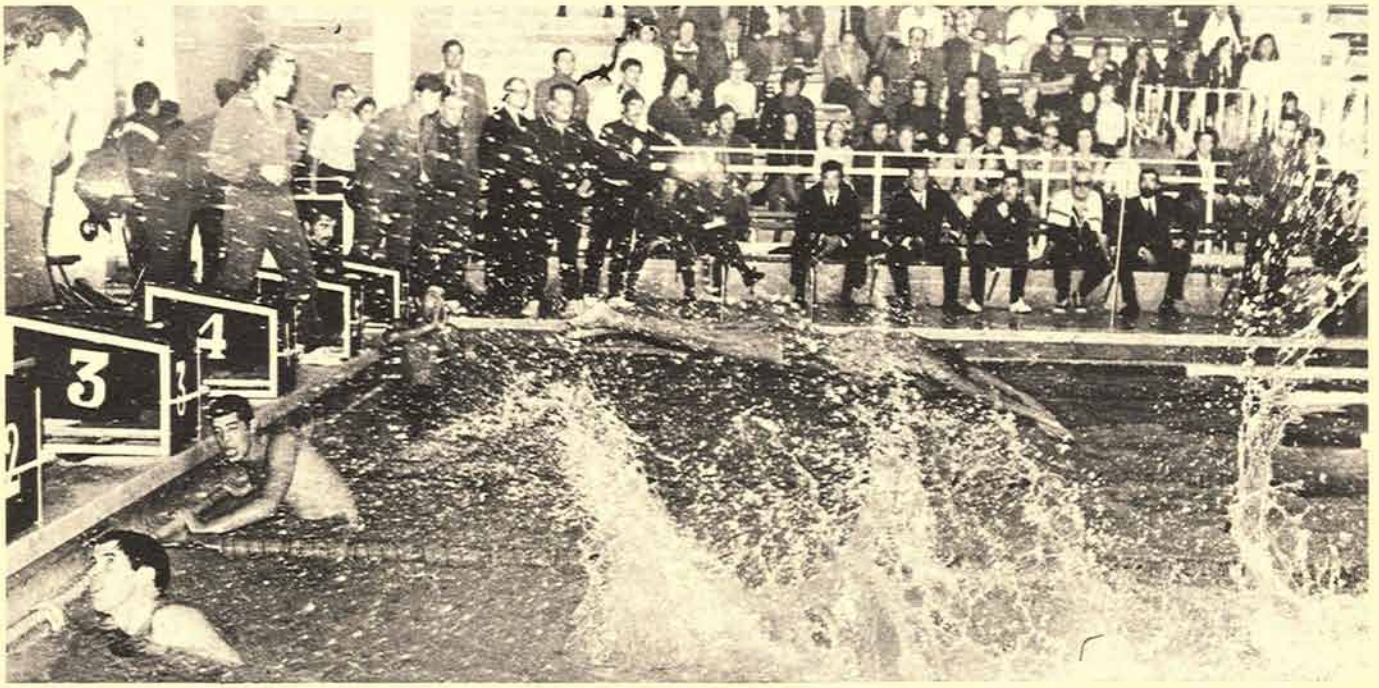
(Fotos de L. Carvalho, mar. FZ)

A equipa da Armada. Da esquerda para a direita: Cad. Madureira, mar. Cunha Santos, asp. Silva Trabuco, subten. Vítor Fonseca, subten. João Abrantes, cad. Marques Guerra e asp. Ennes Ferreira.

Realizou-se nos passados dias 13 e 14 de Outubro, na piscina municipal do Areeiro, o Campeonato Nacional de Natação das Forças Armadas, organizado e dirigido tecnicamente pela Direcção do Serviço de Educação Física da Armada.

As provas decorreram com a assitência de numeroso público, sendo presididas pelo general Campos de Andrada, presidente da Comissão de Educação Física e Desportos das Forças Armadas, e encontrando-se também presentes o general Luz Cunha,

Aspecto do desenrolar da estafeta de 4 x 100 metros livres.



A equipa de mergulhadores-sapadores que se exibiu durante o campeonato.

governador Militar de Lisboa, o capitão-de-mar-e-guerra Pinto da Cruz, director do Serviço de Educação Física da Armada, e delegados das diversas Armas concorrentes.

As bandas da Armada e da Força Aérea deram a sua valiosa colaboração, respectivamente nos dias 13 e 14, tocando diversos trechos dos seus reportórios.

No domingo, dia 14, durante o intervalo das provas de natação, exibiu-se uma equipa de mergulhadores-sapadores da Armada, utilizando garrafas de ar comprimido e também equipamentos de combate, de oxigénio em circuito fechado. O 2.º tenente Santana dirigiu os exercícios e manteve a assistência informada através de oportunos comentários feitos pela instalação sonora.

Concorreram quatro equipas representando a Armada, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana, respectivamente com 7, 12, 12 e 2 elementos.

No decorrer das provas a equipa da Armada manifestou superioridade, embora já não tão exuberantemente como no ano passado, obtendo seis primeiros lugares contra três obtidos pela Força Aérea e um pelo Exército.

Analizando mais em pormenor os resultados obtidos pela Armada, verificamos que quatro dos primeiros lugares foram alcançados pelo subtenente Vítor Fonseca, e que a sua actuação nas provas colectivas contribuiu decisivamente para os bons resultados finais. Mas, acabando em breve a sua prestação de serviço militar, já não estará, concerteza, presente no campeonato de 1974...

Esperamos, no entanto, que a construção de novas piscinas (G. 1 E. A., C. E. F. A.) venha melhorar o nível da nossa natação, de forma a poderem ser encarados os campeonatos sem dependência exclusiva de limitado número de valores individuais.

RESULTADOS GLOBAIS:	1.º lugar	2.º lugar	3.º lugar
Armada	6	4	1
Exército	1	1	8
Força Aérea	3	5	1
G. N. R.	-	-	-

RESULTADOS TÉCNICOS

100 metros livres

1.º Asp. Trabuco (Mar.)	1 m 05,1 s
2.º Cabo Coelho (F. A.)	1 m 06,0 s
3.º Asp. Martins (F. A.)	1 m 08,5 s

400 metros livres

1.º Subten. Fonseca (Mar.)	5 m 36,4 s
2.º Sold. Louzeiro (F. A.)	5 m 52,3 s
3.º Cabo Lima (Ex.)	5 m 52,7 s

1500 metros livres

1.º Subten. Fonseca (Mar.)	21 m 48,6 s
2.º Cabo Lima (Ex.)	24 m 30,2 s
3.º Sold. Silva (Ex.)	24 m 58,6 s

200 metros bruços

1.º Cabo Lázaro (F. A.)	3 m 04,9 s
2.º Mar. Santos (Mar.)	3 m 17,8 s
3.º Sold. Santos (Ex.)	3 m 34,6 s

200 metros mariposa

1.º Subten. Fonseca (Mar.)	2 44,8 s
2.º Cad. Guerra (Mar.)	4 m 09,1 s
3.º Cabo Franqueiro (Ex.)	4 m 32,2 s

200 metros costas

1.º Sold. cad. Soares (Ex.)	2 m 59,4 s
2.º Cabo Silva (F. A.)	3 m 04,5 s
3.º Cabo Lima (Ex.)	3 m 12,8 s

400 metros estilos

1.º Subten. Fonseca (Mar.)	6 m 15,0 s
2.º Cabo Lázaro (F.A.)	6 m 36,0 s
3.º Mar. Santos (Mar.)	6 m 58,6 s

4 x 100 metros estilos

1.º Força Aérea (Asp. Martins, Cabos Lázaro, Silva e Coelho)	5 m 04,8 s
2.º Marinha	5 m 05,0 s
3.º Exército	5 m 45,5 s

4 x 100 metros livres

1.º Marinha (Subten. Abrantes, Cad. Ferreira, Asp. Trabuco e Subten. Fonseca)	4 m 31,5 s
2.º Força Aérea	4 m 32,9 s
3.º Exército	4 m 47,8 s

4 x 200 metros livres

1.º Força Aérea (Asp. Martins, Sold. Louzeiro, Cabos Silva e Coelho)	10 m 38,7 s
2.º Marinha	11 m 15,2 s
3.º Exército	11 m 30,5 s

TIRO

A EQUIPA DAS FORÇAS ARMADAS EM ESTOCOLMO

Como já haviamos anunciado em número anterior, realizou-se em Estocolmo o XV Campeonato Militar de Tiro, a que compareceram equipas representando as Forças Armadas de 14 países. A missão portuguesa, chefiada pelo tenente-coronel Lélio Ribeiro, era constituída por 5 atiradores de espingarda e 5 de pistola, dentre estes últimos um elemento da Armada, o 1.º sarg. FZE Marques Madaíl. Embora cada equipa fosse formada por 5 atiradores, contavam apenas para a classificação por equipas os resultados dos 4 melhores.

Os resultados obtidos, em pistola, foram os seguintes:

PRECISÃO E VELOCIDADE:

37.º Subchefe Antunes P. S. P.)	561 pontos	(277 + 284)
46.º Major Durão (Ex.)	554 pontos	(274 + 280)
47.º Sargento Madaíl (Mar.)	548 pontos	(271 + 277)
50.º Capitão Lacerda (F. A.)	544 pontos	(274 + 270)
52.º Tenente Gameiro (Ex.)	534 pontos	(262 + 272)

VELOCIDADE MILITAR:

29.º Tenente Gameiro (Ex.)	276 pontos
30.º Sargento Madaíl (Mar.)	275 pontos
35.º Major Durão (Ex.)	273 pontos
37.º Subchefe Antunes (P. S. P.)	272 pontos
39.º Capitão Lacerda (F. A.)	271 pontos

(57 concorrentes).

Na classificação por equipas, Portugal obteve, em pistola – precisão e velocidade – o 10.º lugar; em pistola – velocidade militar – o 7.º lugar; em espingarda – precisão – o 10.º lugar; e em espingarda – velocidade – o 9.º lugar.

Na classificação geral, no conjunto dos 14 países concorrentes, obteve-se o 9.º lugar com um somatório de 6227 pontos, mais 33 do que em 1972 e mais 136 do que em 1971.

Alexandre da Fonseca
1.º tenente

Recordando o Naufrágio do "FERNANDO YBARRA"

A reduzida guarnição do «Pedro Nunes» que tentou o salvamento dos náufragos do «F. Ibarra». (Foto do N.º 212 da «Revista de Marinha»)

Vinte de Dezembro de 1943. Aproximava-se o Natal. O aviso «Pedro Nunes» encontrava-se amarrado à bóia, no Quadro dos Navios de Guerra, no Tejo, em serviço de assistência à navegação. Na madrugada desse dia, o toque de alvorada foi substituído pela voz firme do cabo de quarto, que gritava: «Levantem-se, que vamos largar da bóia».

Soube-se que havia encalhado nas imediações de Peniche (entre a praia do Baleal e a Foz do Arelho) o cargueiro espanhol «Fernando Ybarra» e nós íamos em seu socorro. A bordo, encontrava-se apenas o pessoal de serviço e alguns «asilantes».

Imediatamente foram nomeadas algumas ordenanças que foram para terra com ordens de mandar apresentar a bordo o maior número possível de elementos da guarnição.

Existia ao tempo a «caldeirinha» do Arsenal da Marinha e lá estava o comandante do navio – o então 1.º tenente Pedro de Sequeira Zilhão –, que lhes deu uma hora para se desempenharem da missão e regressar a bordo. Quando há vidas em perigo não se pode perder tempo...

Não hesitou o comandante em fazer-se ao mar com o reduzido número de tripulantes que conseguiu reunir: 2 oficiais, 7 sargentos e 33 praças. Todos vão prontos a arrostar com as dificuldades que se lhes depararem (1).

Tempo chuvoso, ondulação moderada e vento fraco fora da barra.

No cabo Carvoeiro temos a primeira confirmação da tragédia, por estarem ali içadas as bandeiras do Código Internacional de Sinais que indicavam haver navio naufragado na direcção Norte.

Ao contornar a península de Peniche, avista-se o vulto negro do «Fernando Ybarra», atravessado no mar, paralelamente à praia, batido furiosamente por vagas alterosas, que por vezes o cobriam totalmente.

Leva o comandante o «Pedro Nunes» até onde as regras de segurança o permitem e, num mar tempestuoso, chega a cerca de uma milha da costa, próximo do «Fernando Ybarra». A ondulação larga rebenta violentamente contra o costado do navio naufragado e na praia.

A espuma das vagas chega a cobrir os mastros já despojados de todo o poleame e massame que os guarnecia. Distinguem-se os tripulantes refugiados na ponte do comando acenando desesperadamente na nossa direcção. Em terra, é grande o movimento de gentes e de material de salvamento.

O vento e a ondulação aumentam de intensidade, fazendo baloiçar o «Pedro Nunes» como frágil rolha de cortiça. Não há enjoados, apenas um punhado de homens lutando abnegadamente para salvar os seus semelhantes.

Nesta situação, aproxima-se uma pequena embarcação a motor, o salva-vidas «Almirante Sousa e Faro» do Instituto de Socorros a Náufragos, pela mão do saudoso lobo do mar que foi o patrão Zé André, que vem informar ter ido o mais próximo possível do «Fernando Ybarra», sem nada poder fazer por aqueles que suplicam socorro. Luta inglória, que mais inglória se torna com o cair da noite, limitando-se o «Pedro Nunes» a iluminar com o projector o local da tragédia.

Pela manhã do dia 21 mantinha-se o mau tempo. O «Fernando Ybarra» continuava inerte, galgado por ondas monstruosas. Vagamente, vislumbravam-se ainda a barlavento da ponte os tripulantes ali refugiados. O «Almirante Sousa e Faro» que havia recolhido ao porto local, volta novamente junto de nós. Num gesto temerário, o comandante Zilhão consegue embarcar nele, seguindo até próximo do «Ybarra», num mar de vagas alterosas que faziam desaparecer os navios da vista uns dos outros. Decisão feliz do comandante Zilhão que consegue salvar um náufrago no momento em que, por capricho do destino, ele se lançou à água quando uma vaga bateu o costado do navio encalhado e fazendo ressaca o levou para o largo, de modo a poder agarrar-se a uma bóia com retenida, mandada do salva-vidas. Os homens do «Ybarra» continuam a acenar desesperadamente. É impossível recolhê-los pelo lado do mar. O salva-vidas e os que nele se encontram não regatearam esforços, arriscando-se até onde humanamente era possível para salvar aquele que se atirou à água.

O salva-vidas volta ao nosso navio para o deixar – tratava-se do despenseiro Juan Iturrizaga.

O comandante Zilhão não se dá por vencido e pede voluntários à sua reduzida guarnição. Vão três praças com ele e a tripulação do salva-vidas. Voltam para perto do «Fernando Ybarra». Não se consultam relógios, não se fazem observações meteorológicas, nem se estabelecem planos de acção O temporal não conta. Pudera a vontade dos bravos que estão no salva-vidas transformar-se em cabos para lançar àqueles que tão desesperadamente imploram por socorro!...

É, neste quadro, difícil de descrever que, com horror, se vê a ponte de comando do «Ybarra» desmantelada pela fúria das vagas.

Era o fim da tragédia, o aniquilamento, a morte que vencia... Jamais poderei esquecer tão dramáticos momentos, em que o homem, com toda a sua inteligência e recursos técnicos, se vê impotente e se sente insignificante perante a fúria da natureza.

Mãos rugosas, pernas retesadas, olhos que pareciam não caber nas órbitas, assim se pode imaginar o patrão Zé André, agarrado à roda do leme, gritando, qual fera enraivecida, por nada poder fazer.

Pouco tempo depois da destruição da ponte do «Ybarra», o redemoinho de água que se formava longe daquela massa de ferros retorcidos, trouxe até junto do salva-vidas, três corpos sem vida, quentes ainda da esperança vã de salvamento que durante aquelas longas horas de angústia alimentaram.

Foram piedosamente recolhidos e desembarcados em Peniche.

De igual modo outros foram recolhidos quando o mar enraivecido os foi depositar no areal da praia.

Hoje, recordando o passado, lembro quantos viveram tão dramático acontecimento, prestando sentida homenagem à memória de um punhado de marinheiros que até ao último momento se agarrou desesperadamente à vida, confiando em Deus e numa salvação que os seus

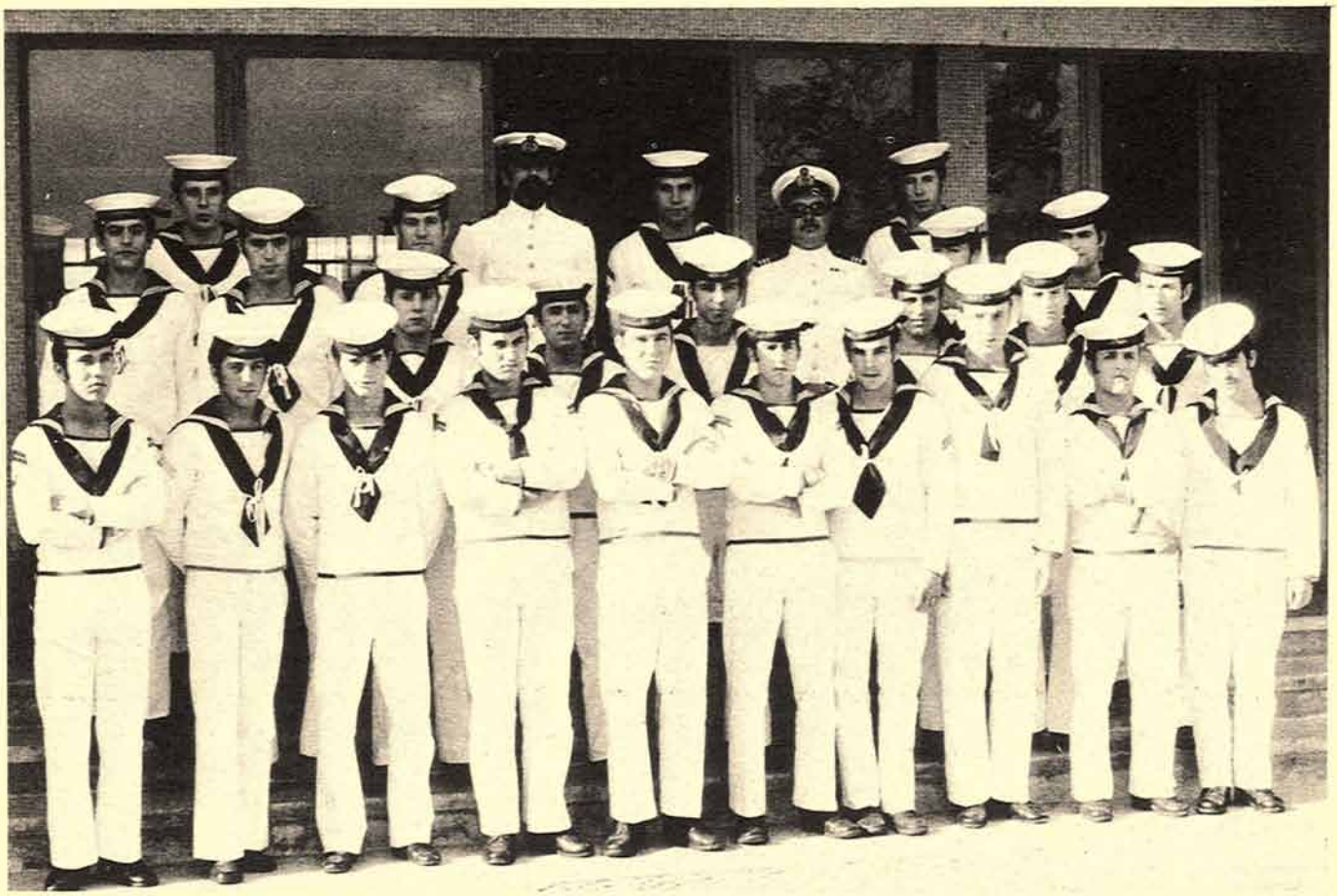
(1) Alguns oficiais que não conseguiram embarcar a tempo seguiram por terra para Peniche, tendo colaborado activamente nas tentativas de salvamento feitas de terra.

semelhantes lhe procuraram oferecer, mas que o destino lhes negou.

Lisboa, Setembro de 1973.
Alípio Parreirão
Subchefe da Polícia Marítima

reportagem

ENCERRAMENTO DE UM CURSO DE RADIOTELEGRAFISTAS



No dia 21 de Setembro teve lugar o encerramento de um curso complementar de artífices radioelectricistas na Escola de Electrotecnia do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada.

Na presença dos oficiais instrutores, sargentos auxiliares de instrução, chefes de turma dos vários cursos ministrados na Escola e todos os alunos do curso, foi entregue ao aluno mais classificado, cabo ARE n.º 818/69 – Júlio Alberto Rosa Leitão, o prémio de mérito escolar, constituído por uma placa com o seu nome, encimada por um símbolo de três órbitas electrónicas.

O curso que findou agora e que teve a duração de vinte e seis meses, corresponde, pelo facto de ser intensivo, a um período de trabalho escolar normal de três anos lectivos, vindo a ser promovidos os seus componentes a sargentos em Março de 1974.

(Colaboração do 1.º ten. SG Serra Gaspar)

CONCERTO DA BANDA DA ARMADA NUM PARQUE DE CAMPISMO

Integrado nas festas das comemorações das bodas de prata do Clube de Campismo do Concelho de Almada, a Banda da Armada, sob a direcção do capitão-de-fragata SG Marcos Romão, deu um concerto no parque de campismo da Praia da Saúde, na Costa de Caparica, no qual foram executadas músicas de Wagner, Svendsen, Elgar, Farnon, Ginastera, Frederico de Freitas e Marcos Romão.

Assistiram ao concerto centenas de campistas, que obrigaram ao prolongamento da actuação da Banda com um programa extra.

A direcção do clube em festa ofereceu à Banda da Armada uma placa e um galhardete alusivos à sua participação nas comemorações das bodas de prata e obsequiou todos os seus componentes com um beberete na esplanada do parque.

61.ª REUNIÃO DO CONSELHO INTERNACIONAL PARA EXPLORAÇÃO DO MAR

Teve lugar de 1 a 10 de Outubro em Lisboa, decorrendo nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian a 61.ª Reunião do Conselho Internacional para a Exploração do Mar (ICES), a que compareceram cerca de 300 cientistas de 17 países.

A sessão inaugural foi presidida pelo ministro da Marinha, tendo sido debatidos nas várias sessões de trabalho assuntos relacionados com estudos referentes à biologia de espécies, investigações sobre composição da água do mar e apreciação de resultados de operações conjuntas de investigação com o objectivo da obtenção dos

conhecimentos científicos necessários para uma exploração racional das reservas de peixe e para um controlo de poluição.

A delegação portuguesa a esta reunião foi chefiada pelo capitão-de-fragata José Ataíde.

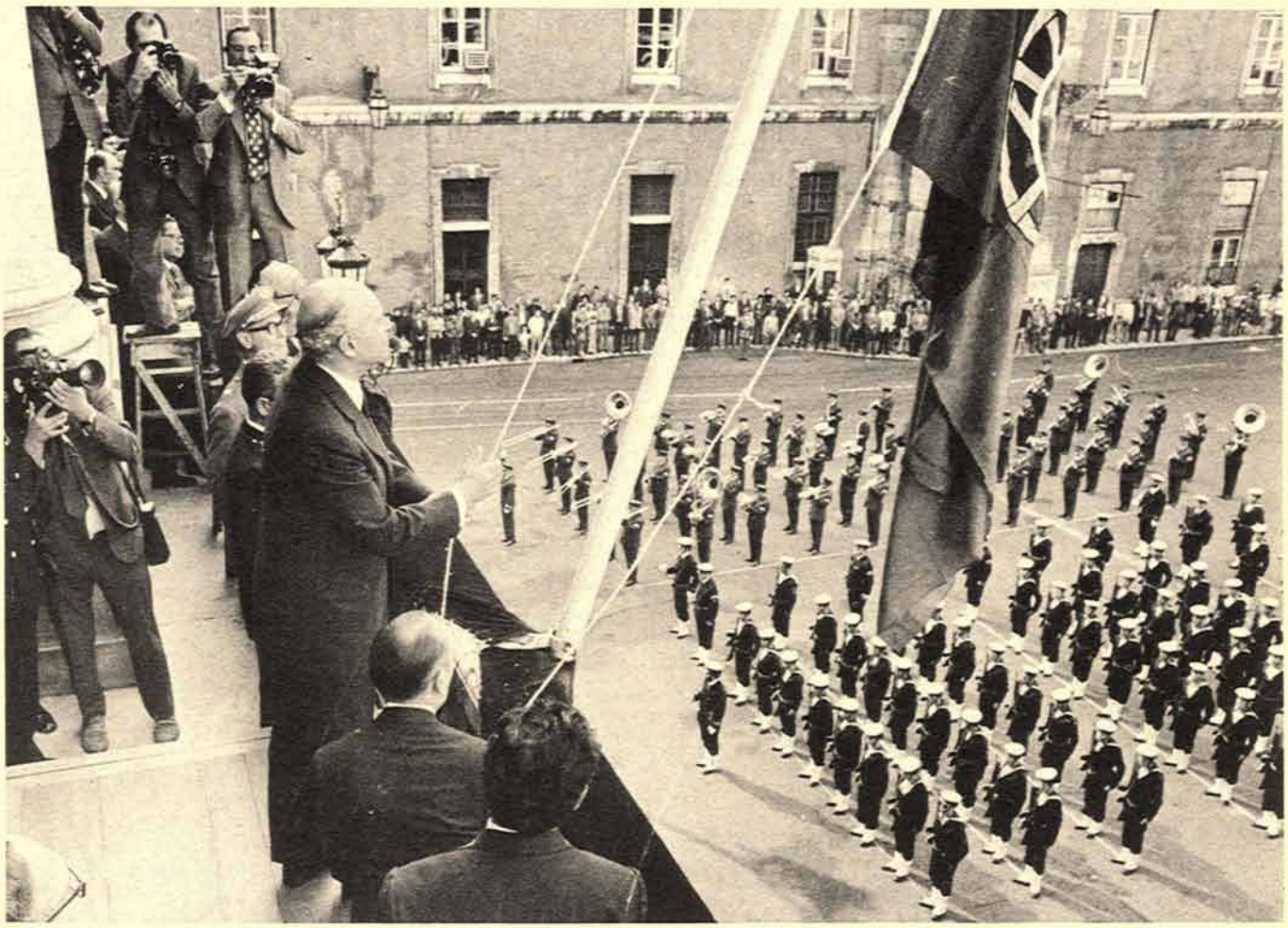
O presidente do ICES, senhor R. Letaconnoux, acompanhado de outros membros da presidência, apresentou no dia 10 de Outubro cumprimentos de despedida ao ministro da Marinha.

ESCOLA COMANDANTE CONCEIÇÃO SILVA

O «Diário do Governo», I Série, n.º 233, de 4 de Outubro do corrente ano, publica pelos Ministérios das Finanças e da Educação Nacional a portaria n.º 664/73 que cria diversas escolas preparatórias do ensino secundário, entre elas a Escola Preparatória Comandante Conceição Silva, na Cova da Piedade.

A «Revista da Armada» regista com muita satisfação o facto que vem honrar a memória de um ilustre oficial da Armada que pondo ao serviço da Corporação o seu elevado saber e inteligência a ela consagrou toda a sua vida, prestigiando-a em alto grau nos domínios da investigação e do ensino.

COMEMORAÇÕES DO DIA 5 DE OUTUBRO



Várias cerimónias assinalaram o 63.º aniversário da implantação da República.

Em Lisboa, o ministro da Defesa Nacional hasteou na varanda da Câmara Municipal a bandeira nacional, perante formatura de um batalhão misto da Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana, sendo o local sobrevoado por helicópteros da Força Aérea, enquanto no Tejo salvavam as fragatas «Comandante Hermenegildo Capelo» e «Comandante Roberto Ivens».

No Cemitério do Alto de S. João, o ministro da Marinha presidiu à romagem ao túmulo do almirante Machado dos Santos, fundador da República, onde, acompanhado dos generais Orlando Barbosa e Cunha Cavadas e do contra-almirante Jaime Lopes, depôs uma palma de flores.

A ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS MARINHEIROS DA ARMADA CELEBROU O SEU 2.º ANIVERSÁRIO

No passado dia 5 de Outubro, celebrou a Associação dos Antigos Marinheiros da Armada, com sede em Lourenço Marques, o segundo aniversário da sua fundação. As comemorações iniciaram-se com o içar da

bandeira na sede e compreenderam a deposição de uma coroa de flores no monumento ao almirante Gago Coutinho, patrono da associação, uma largada de pombos correios e a realização de um almoço de confraternização que foi presidido pelo comandante naval de Moçambique, contra-almirante Moura da Fonseca.

A «Revista da Armada» felicita pela passagem do aniversário e faz votos de que a Associação dos Antigos Marinheiros da Armada tenha os maiores sucessos na consecução dos fins a que se propôs.

VISITA DO ALMIRANTE-DE-ESQUADRA DANTAS TORRES

De visita a Portugal, esteve entre nós de 16 a 26 de Outubro o almirante-de-esquadra Maurício Dantas Torres, director-geral de Navegação da Armada do Brasil.

Durante a sua estada o almirante-de-esquadra Dantas Torres visitou a Base Naval de Lisboa onde o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, lhe ofereceu um almoço; visitou igualmente o Instituto Hidrográfico, o Museu de Marinha e o Aquário Vasco da Gama.

Sua Excelência o Presidente da República obsequiou o visitante com um almoço na Presidência da República e o ministro da Marinha, no decurso de um jantar celebrado em sua honra, fez-lhe entrega da Grã-Cruz de Avis com que o Chefe do Estado o havia agraciado.

O almirante-de-esquadra Dantas Torres, que se fazia acompanhar do seu ajudante, capitão-tenente Jorge de Carvalho Lopes, a quem o ministro da Marinha condecorou com a medalha de mérito militar de 3.ª classe, teve ainda oportunidade de efectuar visitas à Lisnave, Porto de Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Docapesca e Escola de Pesca

Dr. Gonçalves de Proença, deslocando-se na véspera da sua partida ao Padrão dos Descobrimentos em Belém e ao túmulo do almirante Gago Coutinho onde depôs uma coroa de flores.

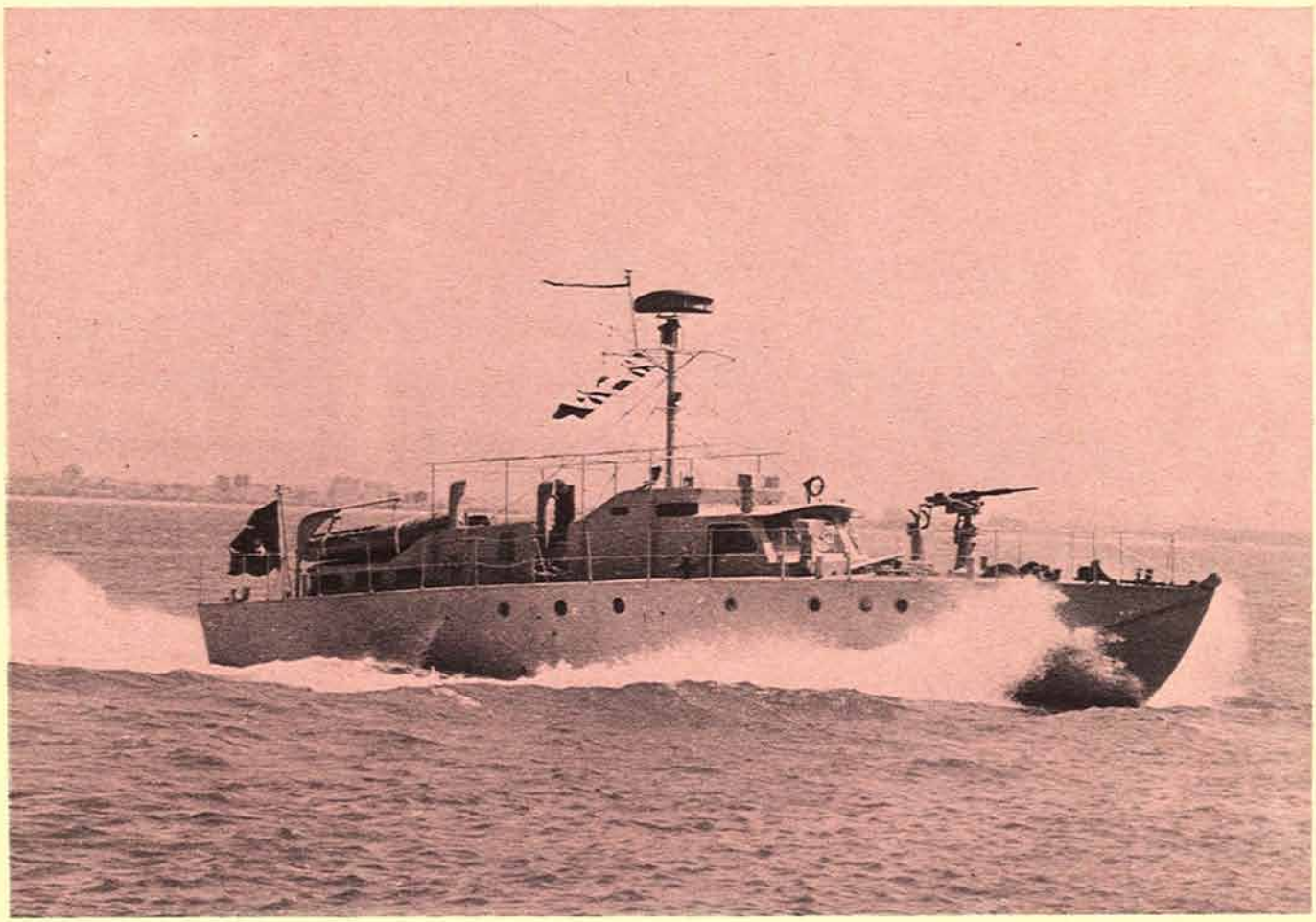
JURAMENTO DE BANDEIRA DOS CADETES DO 2.º ANO DA ESCOLA NAVAL

No dia 19 de Outubro teve lugar o juramento de bandeira dos cadetes do curso «Sacadura Cabral».

A cerimónia foi presidida pelo chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, tendo assistido o superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco; o director do Serviço de Instrução, comodoro Rodrigues Alho, vários oficiais superiores da Armada, o corpo docente da Escola Naval e muitos familiares dos alunos.

A exortação esteve a cargo do capitão-tenente engenheiro maquinista naval Ferreira Guimarães, após o que foi feita a leitura dos deveres militares, seguindo-se-lhe o juramento de bandeira e o desfile dos alunos em parada em número de 278, perante as entidades presentes.

COLABORAÇÃO DA LANCHA DE FISCALIZAÇÃO «ALBUFEIRA» NA RECOLHA DE SOBREVIVENTES



A lancha de fiscalização «Albufeira» colaborou no passado dia 21 de Outubro com uma barcaça da província de Timor no embarque, a 6 milhas a oeste de Dili de bordo do navio «Norse Lion», de 35 chineses de Hong-Kong e de 16 indonésios que foram transportados para terra e entregues às autoridades sanitárias a fim de receberem a devida assistência. O navio «Norse Lion» tinha efectuado a recolha destes sobreviventes do navio de 5200 toneladas «Ann Fortune» que registara fogo a bordo quando se dirigia de Kurayg para Hong-Kong.

VISITA DO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA À ESCOLA DE FUZILEIROS

O chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida, efectuou no dia 23 de Outubro uma visita de trabalho à Escola de Fuzileiros em Vale do Zebro.

Recebido pelo respectivo comandante, capitão-de-mar-e-guerra Rocha Calhorda, e por todos os oficiais que ali prestam sérviço, o vice-almirante Ferreira de Almeida teve uma reunião de trabalho com o Comando daquela Unidade, após o que percorreu em apreciação todas as instalações que a constituem.

ABERTURA SOLENE DO ANO LECTIVO NA ESCOLA NÁUTICA

Sua Excelência o Presidente da República presidiu no dia 24 de Outubro à sessão solene de abertura das aulas na Escola Náutica.

Recebido pelo ministro da Marinha; director da Escola, contra-almirante David de Carvalho; director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo, con-

tra-almirante Paulino Pereira, e presidente do Grémio dos Armadores da Marinha Mercante, dr. Luís Gregório, Sua Excelência o Chefe do Estado, bem como as entidades presentes e familiares dos alunos, escutou uma alocução feita pelo contra-almirante David de Carvalho após o que se seguiu a lição inaugural a cargo do professor capitão da Marinha mercante dr. José Augusto Martins Santos, que versou o tema «Evolução da náutica e do seu ensino».

Finalmente Sua Excelência o Presidente da República fez entrega dos prémios «Infante D. Henrique», «Almirante Américo Thomaz» e «Martin Sain» aos alunos que mais se distinguiram no ano transacto.

COMEMORAÇÃO DA BATALHA DE TRAFALGAR

Teve lugar no dia 26 de Outubro no Royal British Club um jantar comemorativo da data em que decorreu a batalha de Trafalgar e no decurso do qual o embaixador britânico fez entrega duma carta emoldurada do rio Tejo, produzida em 1763, oferta do hidrógrafo-chefe da Marinha inglesa à Armada portuguesa.

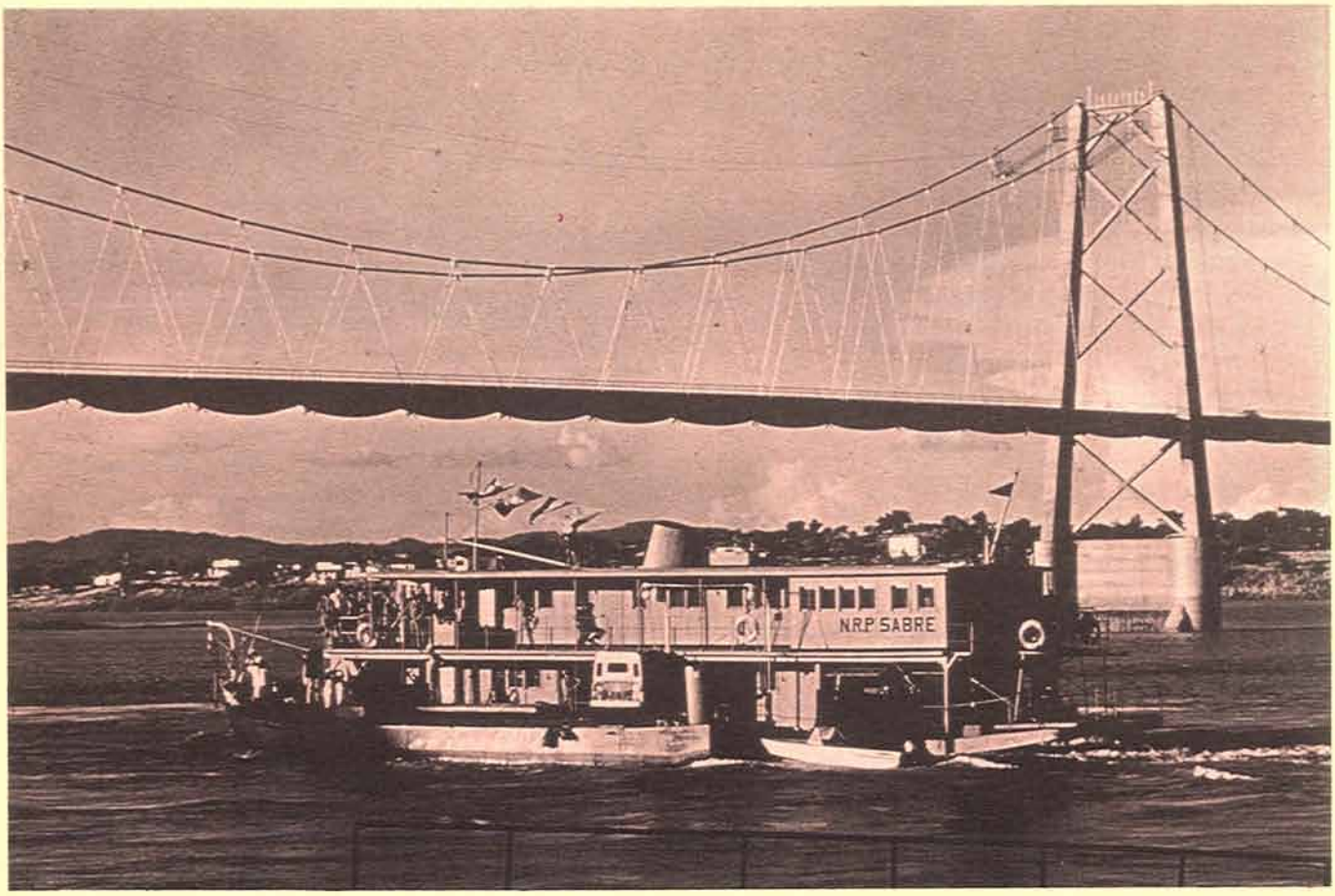
O chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira da Almeida, fez uma alocução de agradecimento,

tendo também usado da palavra o contra-almirante Sarmento Rodrigues. Entre as individualidades presentes a este jantar comemorativo contava-se o almirante Derek Empson, director dos Serviços de Pessoal da Armada britânica que, deslocando-se a Portugal, se avistou com o chefe do Estado-Maior da Armada e com o superintendente dos Serviços do Pessoal, contra-almirante Soares Branco, tendo também efectuado uma visita ao Grupo n.º 1 de Escolas da Armada e ao Museu de Marinha.

SESSÃO PLENÁRIA NO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

No dia 24 de Outubro reuniu nas instalações do Museu de Marinha o plenário do Centro de Estudos de Marinha, presidido pelo contra-almirante Sarmento Rodrigues e a que se encontravam presentes o capitão-de-mar-e-guerra engenheiro maquinista naval Rodrigues dos Santos, presidente da secção de Artes, Letras e Ciências; o capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, secretário-geral; o engenheiro Viriato de Campos e o capitão-de-mar-e-guerra Silva Gameiro, secretários das secções, e numerosos académicos; assistiram muitos convidados, entre os quais vários oficiais generais e superiores, entidades civis e senhoras.

O académico dr. José Pedro Machado apresentou a sua comunicação subordinada ao tema «Fim dos medos antigos no Atlântico» em que comentou a estância 11 do canto V de «Os Lusíadas», trabalho que foi muito aplaudido.



LANCHA DE FISCALIZAÇÃO «SABRE»

Aumentado ao efectivo em 31 de Outubro de 1972, trata-se de um navio com características muito especiais, tendo sido anteriormente de propulsão por rodas.

Tem de deslocamento máximo 140 toneladas, atingindo a velocidade de 10 nós e dispondo de dois motores Diesel; a sua guarnição é de 1 oficial, 1 sargento e 5 praças.

A fotografia regista o momento da sua chegada a Tete depois de uma histórica viagem de 10 dias em que navegou cerca de 450 milhas de rio, depois da largada do porto do Chinde.

(Colaboração do subtenente RN Vaz Pinto)

quarto de folga

O LA PALISSE PORTUGUÊS

No número 19, de Abril/73, da nossa Revista, veio uma explicação sobre quem era o Senhor de La Palisse e eu, ao lê-la, pensei que, possivelmente, muitos dos leitores, se calhar, não saberiam que há uma personalidade imaginária portuguesa onde, quem a imaginou, e definiu em versos picarescos, o fez inspirando-se no tal Senhor de La Palisse. É o amigo Policarpo Banana. Para dar uma ideia de como ele é equivalente à personalidade francesa, creio que bastará dizer que era um sujeito que, para melhor dar à perna nas valsas, punha as botas por fora das meias e as ceroulas por dentro das calças. Reparem que difere de Calino, com as suas calinadas, porque, naquele, há coisas certas repetidas ou definidas em acintosidade ridícula e, neste, há exclamações asneirentas a respeito do que se passa que o levam a, por exemplo, exclamar: – Olha se eu estava dentro das calças! – ao ver cair as suas, que um golpe de vento arrancava de dependuradas na corda da roupa, ao sol, num 4.º ou 5.º andar.

Capt. Zuzara

PROBLEMAS PARA ENTRETER

Continuamos a apresentar da publicação anteriormente citada mais dois problemas:

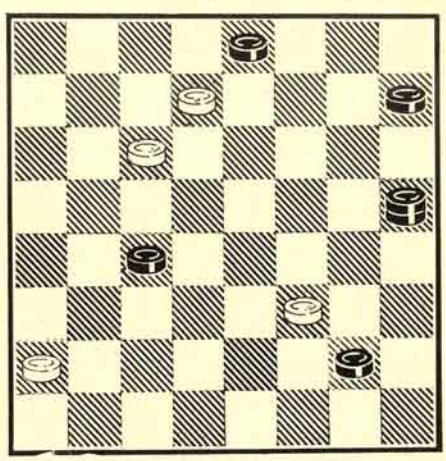
4 – Investigue cada uma das 10 afirmações que se seguem em ordem a definir se são verdadeiras ou falsas:

(1) Precisamente uma das afirmações desta lista é falsa.
(2) Precisamente duas das afirmações desta lista são falsas.
(3) Precisamente três das afirmações desta lista são falsas.
(4) Precisamente quatro das afirmações desta lista são falsas.
(5) Precisamente cinco das afirmações desta lista são falsas.
(6) Precisamente seis das afirmações desta lista são falsas.
(7) Precisamente sete das afirmações desta lista são falsas.
(8) Precisamente oito das afirmações desta lista são falsas.
(9) Precisamente nove das afirmações desta lista são falsas.
(10) Precisamente dez das afirmações desta lista são falsas.

5 – O chão de certa cozinha não é regular. Não tem degraus mas o linóleo faz ondulações contínuas desiguais (aleatórias) de tal forma que quando se põe uma mesa quadrada ela fica quase sempre com uma perna no ar e oscila. Se não fizer diferença que o tampo da mesa fique ligeiramente inclinado, será sempre possível encontrar um lugar onde todas as quatro pernas fiquem assentes no chão? Ou poderá o chão ondular de maneira tal que nunca seja possível encontrar um sítio onde as pernas fiquem todas apoiadas? O problema pode ter resposta por meio de uma prova simples e elegante.

DAMAS

(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e ganham

DORMINDO DEPRESSA...

É sabido que, por vezes, as praças da Armada, os homens do honrado alcaixa, utilizam umas expressões, relacionadas até com o serviço ou só na simples gíria de bordo, que dão um sabor especialíssimo ao fraseado das conversas, aos comentários ou remoques o que, tantas vezes, ajuda a adocicar a monotonia da vida de bordo, da comissão longa e pouco variada. Quando eu fui guarda-marinha e, pelas primeiras vezes, oficial de guarnição de navios, comecei logo por reparar que o pessoal de escala do gasolina, entre a embarcação de oficiais para terra, depois de jantar, e a primeira embarcação de licenças de terra, já à noite, procurava dormir, estendendo-se onde lhe calhava melhor e notei até, com espanto próprio dado a quem, como eu, tanta dificuldade tinha em conciliar o sono, que realmente conseguiam «engatar» uma realíssima soneca de «muitos assobios».

Ora este facto, que normalmente se repetia, dava por vezes o resultado de alguma demora, «em saltar na embarcação», se o oficial de dia o mandava fazer em qualquer altura de tal intervalo e, numa dessas ocasiões, eu, que nunca tive grande paciência para esperar, fiquei um tanto ou quanto agastado com a demora. Depois de umas frases a «queimar mal» que lhes dirigi, criticando-os pelos vagares, terminei o arrazoado mais ou menos assim, visando em especial o patrão do gasolina, que ultimava, junto do portaló, os preparativos da embarcação, a meu ver, atrasada.

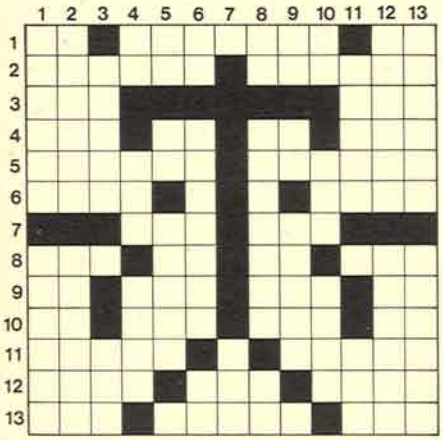
– Também não sei que sono é que vocês conseguem fazer em tão curto espaço de tempo!

– Sabe, senhor guarda-marinha,

dormindo depressa ainda se consegue dormir alguma coisa – atalhou o patrão em tom conciliatório, esclarecendo, com ar convicto, cara séria e impassível. Dormir depressa!... Não lembra ao Diabo!...

Capt. Zuzara

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Antes de Cristo; navio de guerra; antes do meio-dia. 2 – Apanhara; termina. 3 – Certa; lista. 4 – Entregar; variedade de pão; a mim; lado. 5 – Publicar; pousai na água. 6 – Compartimento de casa; atravesso. 7 – Poema; anel. 8 – Ferro temperado; prefixo de negação; S. Q. de bismuto; saudação. 9 – Ermo; pronome pessoal; amarra; atmosfera. 10 – Senhor (ab); imensidade; zona industrial da Alemanha; S. Q. do crómio. 11 – Medir; festa nocturna dentro de casa. 12 – Obrigações; casa; dedicado (inv). 13 – Apelido; fluxo das ondas; sirga.

VERTICAIS: 1 – Construções para represar a água; devasta. 2 – Estrato; andar depressa. 3 – Especiaria indiana; cento e dois. 4 – Aqui; advérbio de quantidade; aves pernaltas. 5 – Sufixo de ocupação; além; apelido. 6 – Batráquio; determinar; nota musical. 7 – Deserto da Ásia. 8 – Popa (inv); costa ocidental do Industão; nota musical. 9 – Nome de letra; preposição simples; o mesmo que ritos. 10 – Pérfida (inv); parente; mar interior na Rússia. 11 – Patranha; possuir (inv). 12 – Meter em dificuldades; servo. 13 – Da Malásia; irrita um pouco.

Agostinho

(Solução na pág. 34)

Mar. L

CONCURSO N.º 27

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

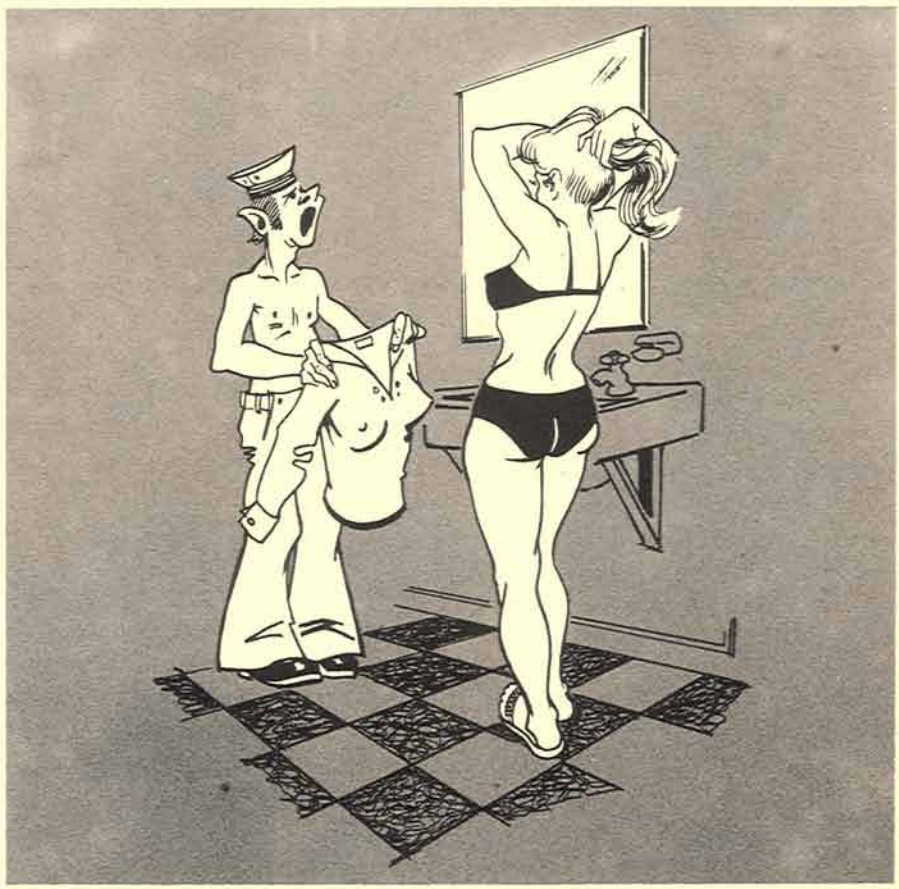
A V I M O T O O I C P Ã O A T S O S T R
A T R A M O T O D O A B E L M O N T E A
V A A L O S O S A S O T A E B M S U O L
C A T P O M B A L I S I O S S O L A P O
U I O E R E O Ê M O I O T U P O S R E T
O S I N O S S L A R P E I D O S O D O R
R I D E L E L A D E D O V I M A D R A E
A V I L E R A O A I B P L A A S I T O M
L E I A T U S A R V I L A S I O B O L Ã
V O R I A S A R O F S A L O R U O M L A
E A S O M E R T S E D C E P I O S S T O
L L O T S N E M O R A I I C A S T I A O
H E L O O R O D N O D E R O S T O D S T
A M I I L A S A R R E A I I R A R I A S
E L V T O S F E I S S A A L I R N A T E
P A A O I V L A H O M O C A A L A R O V
I P O R A T A S A V L E S M N I A B V L
O N E T R A T I D I O D B E R N N M O I
S O T R R R M A R V Ã O A G O H A L S S
N I O N A I E A M I S E T O R A T S L O
A R I A S S V O G T E L O S E R O E J A
O T R A N C O S O S O G A L R E R S V O
C O N D O S C A T R U R R A R S R O A S
S I M E D S Ê A R A M I U G A T E D Ê M
I D A I A A O A D M E G A J E B A N E N

Neste emaranhado de letras estão os nomes de 23 localidades de Portugal onde existem castelos medievais.

As palavras estão formadas em todos os sentidos menos obliquamente.

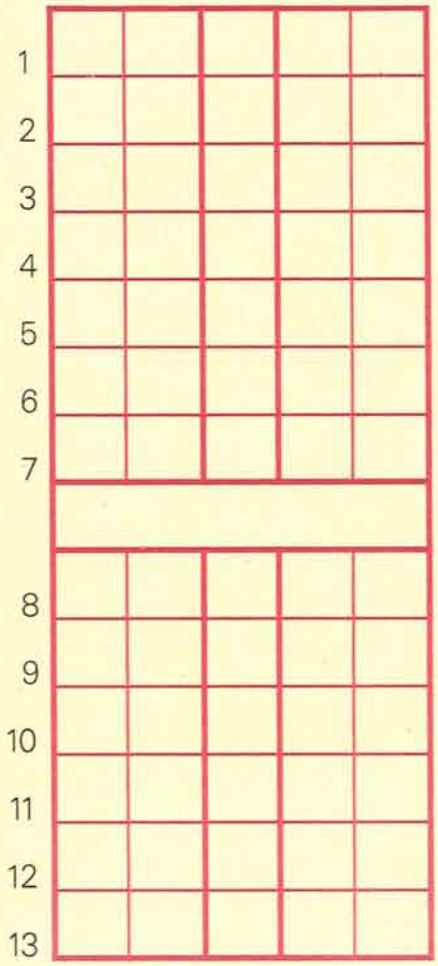
Basto Carreira

Cap. m. g. RF



Hás-de fazer o favor de não pôr a minha roupa mesmo que seja só para andar em casa!

PILHA DE PALAVRAS



1 – Muito espaçosa. 2 – Recorre da decisão de um tribunal para outro superior. 3 – Aparelha. 4 – Temperatura agradável. 5 – Na parte superior. 6 – Arriba. 7 – Povo indígena do Brasil. 8 – Forma em arco. 9 – Que está suspensa no ar. 10 – Que diz respeito à Alemanha. 11 – Desejo ardente. 12 – Lança o arpão. 13 – Dá feitio ao bolo.

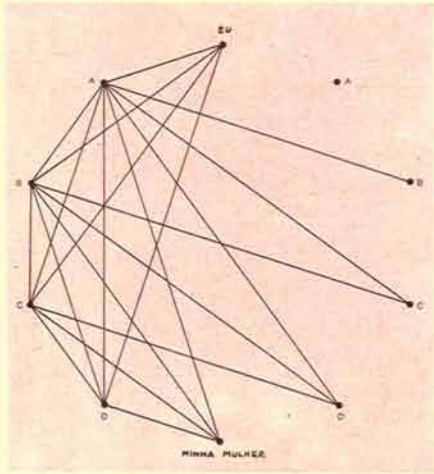
Depois de resolvido este passatempo o leitor encontrará, na coluna central, o nome de um ministro da Marinha; tem ainda a particularidade de as palavras iniciarem e terminarem com a letra A.

Manuel Carneiro
247/69/Mar. FZ

SOLUÇÕES

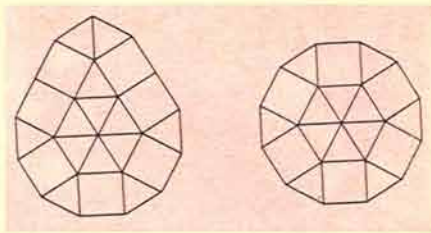
PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)



2 – Entre os casais presentes nenhuma pessoa apertou mais de oito mãos. Se as nove pessoas a quem fiz a pergunta responderam diferentemente as respostas foram zero, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete e oito. A pessoa que apertou 8 mãos deve ser casada com a que não apertou nenhuma, caso contrário só poderá ter apertado 7 mãos. De igual modo a pessoa que apertou 7 mãos deve ser casada com a que apertou só uma. A pessoa que apertou 6 deve ser casada com a que apertou 2 e a que apertou 5 deve ser casada com a que apertou três. A única pessoa que resta e que apertou 4 mãos é necessariamente a minha mulher, como se vê facilmente pelo esquema junto.

3 – Um polígono de 11 lados consegue-se obter de acordo com o arranjo indicado na 1.ª figura. Para a segunda parte do problema o raciocínio é o seguinte: os ângulos internos possíveis num polígono formado com as peças dadas são: 60º, 90º, 120º e 150º. Para formar um polígono com o maior número de lados, todos os ângulos devem ser de 150º



(os maiores possíveis) e o número de lados será então 12.

DAMAS

Brancas	Pretas
1. 2a - 3b	5h x 1d x 4a
2. 7d - 8c – D	4a x 7d
3. 8c x 3h x 1f x 5b	
e ganham	

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – a C; corveta; A M. 2 – Cacara; remata. 3 – Uma; rol. 4 – Dar; ló; me; ala. 5 – Editar; amarai. 6 – Sala; varo. 7 – Ode; aro. 8 – Aço; in; BI; olá. 9 – Só; ela; ata; ar. 10 – Sr; mar; Rur; CR. 11 – Orçar; sarau. 12 – Leis; lar; leif. 13 – Ari; marés; toa.

VERTICAIS: 1 – Açudes; assola. 2 – Camada; correr. 3 – Caril; CII. 4 – Cá; tão; emas; 5 – Or; lá; Dilar. 6 – Rã; ordenar; lá. 7 – Tar. 8 – Ér; Malabar; ré. 9 – Te; em; ritus. 10 – Am; avo; Aral. 11 – Arara; ter. 12 – Atolar; lacaio. 13 – Malaio; arrufa.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Ampla. 2 – Apela. 3 – Arrea. 4 – Amena. 5 – Acima. 6 – Aproa. 7 – Ababa. 8 – Arcoa. 9 – Aérea. 10 – Alemã. 11 – Ânsia. 12 – Arpoa. 13 – Abola.

(Pereira Crespo)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 23

TIPOS DE EMBARCAÇÕES: bote, lancha, canoa, salva-vidas, escaler e baleeira. ARTIGOS DE PALAMENTA: paus de voga, defensa, ancorote, remo, forquete, leme, boca, bartedouro, ancoreta e retenida.

VENCEDOR: Vicente Ferreira, 1.º gr. M n.º 3179/71 (N. R. P. «António Enes»).

A Vida num acampamento de fuzileiros

Panorâmica do acampamento (Algures em Moçambique)

Posto de vigia

Posto de rádio

Padaria – O forno está aceso...

Campo de futebol – Atenção ao novo modelo de balizas!

Colaboração do contra-almirante Moura da Fonseca

NAVIOS DA ARMADA

Corveta «António Enes»

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DAS CORVETAS CLASSE "JOÃO COUTINHO"

Deslocamento máximo: 1400 tons. Comprimento: 84,6 m; boca: 10,3 m; calado: 3,3 m. Velocidade máxima: 23,8 nós. Autonomia: 8800 milhas, a 14 nós. Guarnição: 9 oficiais, 91 sargentos e praças, podendo ainda transportar uma força de desembarque de 34 homens.

Especialmente preparados para futuras transformações, poderão receber novas armas e novos meios de detecção.

O casco, inteiramente soldado, é de estrutura longitudinal; a superestrutura, que é de alumínio, é de estrutura transversal.

Dispõem de uma plataforma de aterragem para helicópteros.

ARMAMENTO: 1 torre com 2 peças de 76 mm, e uma torre com duas peças de 40 mm.

A/S: 1 ouriço; 2 calhas e 2 morteiros para bombas de profundidade.

SONAR: 1 de pesquisa e ataque, QCU 2.

RADARES: 1 radar de aviso combinado, MLA-1B; 1 radar de aviso de superfície, KELVIN HUGHES 975.

EQUIPAMENTO DE PROTECÇÃO CONTRA RADIOACTIVIDADE: Os navios possuem um sistema de descontaminação (washdown) contra poeiras radioactivas. As formas arredondadas do costado e superestruturas, e a possibilidade de passar rapidamente a ventilação a circuito fechado, são outras características «nucleares» destes navios.

Os navios estão equipados com um sistema de desmagnetização completo.

INSTALAÇÃO PROPULSORA: 2 motores DIESEL SEMT-PIELSTICK, desenvolvendo cada um a potência de 5280 HP; têm duas linhas de veios, e o acoplamento é directo. 3 grupos electrogéneos de 350 HP, cada, 1 grupo electrogéneo de emergência, de 200 HP. Instalação de ar condicionado.

O governo nestes navios é feito por meio de 2 lemes.

O sistema de combate a incêndios é bastante cuidado, dispondo-se de uma estação proporcionadora de espuma, de bombas montadas nos compartimentos vitais e no exterior, e nalguns paióis existem sistemas especiais de extinção.

São seis as corvetas deste tipo: «António Enes» (18-6-71), «Augusto Castilho» (14-11-70) e «Honório Barreto» (15-4-71), construídas em Espanha (Empreza Nacional Bazan de Constructiones Navales Militares); «João Coutinho» (7-3-70), «Jacinto Cândido» (16-6-70) e «General Pereira D'Eça» (10-10-70), construídas na Alemanha (Blohm and Voss A. G., Hamburgo). Entre parêntesis estão indicadas as datas da entrada dos navios ao serviço.

M. C. Dias Figueiredo
Cap. ten.